A FUGE não andou bem em Belo Horizonte

(pag. 14)

Trabalho e abnegação: eis o «O BISTURÍ»

(pag. 20)

Aspectos de um moderno Instituto de Anatomia

ENTREVISTADO, O PROF. TAUPHICK SAADI CONTA-NOS A ORGANIZAÇÃO DE UMA MODELAR INSTITUIÇÃO — UM POUCO DE HISTÓRIA — PLANO DE REESTRUTURAÇÃO — MODERNO ENSINO DE ANATOMIA — DESCRIÇÃO DAS INSTALAÇÕES — ÁREA ADICIONADA — ATIVIDADES DO INSTITUTO

Por Nelson Saldanha de Souza

BOLETIM MENSAL D' BISTURI

Órgão Oficial do Centro Acadêmico Sarmento Leite

ANO XIV | SETEMBRO-OUTUBRO 1958 | N.º 2

Entrevistando o Prof. Oscar Pereira

Flávio Saeger mantém interessante palestra com o novo responsável pela cadeira de Microbiologia

"Com sua usual cortezia e acessibilidade, o Dr. Oscar Pereira pôs à nossa disposição o seu precioso tempo. Havia neste instante terminado uma aula teórica de Microbiologia e, a passos lentos, nos dirigimos para seu gabinete comentando aspectos da aula ministrada".

"Iniciamos então a palestra."

"— Gostaríamos de saber, inicialmente, seu nome completo".

— Meu nome completo é Oscar Belmiro Manoel May Pereira.

"— Quando e onde nasceu?"

— Nasci em Pôrto Alegre aos 21 dias de junho de 1926.

"Como, pois, soubemos que nasceu em Pôrto Alegre, sendo gaúcho de nascimento e coração, continuamos a entrevista perguntando-lhe como tinha sido sua vida estudantil. Respondeu-nos:"

— No ano de 1933 entrei para o Colégio Nossa Senhora dos Anjos onde, até o ano de 1935, completei o Ciclo Primário. No ano seguinte, isto é, precisamente em 1936, ingressei no Colégio Anchieta onde, após o ginásio, passei para o Colégio que começava então a funcionar. Sendo aprovado no Ciclo Colegial, estavam abertas as portas para a vida universitária.

Foi justamente em 1945 que, após o exame Vestibular, encetei a longa jornada estudantil na Faculdade de Medicina da nossa cidade.

"— Suas tendências à carreira médica, e em particular à Microbiologia, quando e como se evidenciaram?"

— Bem, continuou o Prof. Oscar, fui influenciado de forma absoluta pelo ambien-

(Continua na pág. 10)

AINDA O PARAQUEDISMO

José Carlos Vasques responde ao artigo publicado no número anterior, trazendo novos aspectos de um velho e complicado problema de nosso meio

(página 13)

Grandes vultos da medicina

Uma nova secção no novo «O BISTURÍ»

Luiz Carlos Farret a assina

EDITORIAL

Aí está o que decidimos chamar de o novo "O Bisturi". Mais moderno, mais amplo, mais jornal enfim, é êle fruto, principalmente, de um grupo novo de colegas quase todos primeiranistas.

E daí o nosso apêlo: apoiem sempre êstes rapazes, pois que até a vontade ferrenha tomba diante da indiferença perniciosa.

Novo tema e novo pedido. Breve, muito breve, teremos o 1.º Seminário Estudantil Latinoamericano de Psicologia Médica, iniciativa do C.A.S.L.. Tal empreendimento reveste-se de acentuada importância, não apenas para um grupo de colegas, mas para todos nós. Daí a necessidade da nossa participação efetiva que já seria fabulosa e nos dispusemos, dentro das nossas possibilidades, a oferecer hospedagem aos colegas das delegações que participarem dêste conclave.

Não é muito. Cheguemos até o C.A.S.L. e oferecêmo-nos como anfitriões.

O BISTURI

Faculdade de Medicina

Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul

Diretor: ROBERTO BENEVETT

Secretário: IRAJÁ SILVEIRA

Redatores: FLÁVIO SAEGER
ANTONIO CELSO AYUB

Diretor Comercial: SAMUEL CONSTANT

Fone Reitoria Pedir 47

O BISTURI não se responsabiliza pelos artigos que trouxerem assinatura.

TETREX

FOSFATO COMPLEXO DE TETRACICLINA

novo sal de tetraciclina proporciona níveis sanguíneos 2 vêzes mais altos

2 novas apresentações dêste superior antibiótico de largo espectro

intramuscular 100 e 250 mg.

TETREX

intramuscular de 250 mg.

OFERECE: Grande comodidade para os pacientes adultos
Uma única injeção cada 24 horas.

INDICAÇÕES

- INFECÇÕES LOCALIZADAS
- INFECÇÕES CIRÚRGICAS
- INFECÇÕES SINO-RESPIRATÓRIAS
- INFECÇÕES DO APARELHO DIGESTIVO
- INFECÇÕES VENÉREAS E OUTRAS INDICAÇÕES

LABORATERÁPICA-BRISTOL S.A.

Indústria Química Farmacêutica

Santo Amaro — São Paulo

NOTAS DA SECRETARIA CULTURAL

EM FUNCIONAMENTO A BIBLIOTECA DO C.A.S.L.

Depois de longo período de inatividade, voltou a funcionar agora a Biblioteca do Centro Acadêmico Sarmento Leite, departamento da Secretaria Cultural-Científica, enriquecida pela valiosíssima doação de mais de 100 volumes pelo prof. Dr. Hypólito Carvalho.

Para maior facilidade de funcionamento ,a Biblioteca foi dividida em quatro seções: 1) Biblioteca de Medicina; 2) Biblioteca de Psiquiatria; 3) Biblioteca de Cultura Geral; 4) Revistas Científicas e Culturais.

Conta a Biblioteca atualmente com um total de aproximadamente 400 volumes, em com elevado número de revistas nacionais e estrangeiras.

O horário de funcionamento da Biblioteca é o seguinte: 2.ª, 3.ª 5.ª e 6.ª das 8 às 12; 4.ª das 14,30 às 17,30; sábados das 10 às 12.

Em outro local da presente edição, publicamos o Regulamento da Biblioteca, que se encontra em vigor "ad referendum" da Assembléia.

A Secretaria Cultural-Científica aceita sugestões escritas de todos os colegas para melhorias de funcionamento da Biblioteca, bem como procurará atender, dentro de suas exíguas possibilidades, sugestões para aquisição de novos volumes.

XIII SEMANA BRASILEIRA DE DEBATES CIENTÍFICOS

Foram já encerradas as inscrições para a XII Semana Brasileira de Debates Científicos, que será realizada no Rio de Janeiro entre 27 de outubro e 3 de novembro próximos. Em data a ser prèviamente divulgada, a Secretaria Cultural-Científica fará realizar uma Semana Interna de Debates, a fim de selecionar os trabalhos que representarão o Centro Acadêmico Sarmento Leite naquele conclave de âmbito nacional.

DIPLOMAS À DISPOSIÇÃO

A secretaria Cultural-Científica comunica que se encontram à disposição no Cen-

(Continua na pág. 4)

Regulamento da Bibliotéca do C. A. S. L.

Art. 1.º — A Biblioteca do C. A. S. L. é uma dependência da Secretaria Cultural-Científica, à qual caberá sua supervisão geral.

Art. 2.º — O Secretário Cultural-Científico nomeará um Bibliotecário, ao qual ficarão afetos o funcionamento e a direção da Biblioteca.

§ 1.º — Em caso de demissão ou de inexistência de Bibliotecário, suas funções serão desempenhadas pelo Secretário Cultural-Científico.

Art. 3.º — São leitores da Biblioteca todos os associados do C. A. S. L., desde que assinem fichas de inscrição, assumindo o compromisso de cumprir o presente regulamento.

Art. 4.º — A Biblioteca do C. A. S. L. está dividida em quatro secções, caracterizadas pelas iniciais A (Biblioteca de Medicina), B (Biblioteca de Psicologia Médica), C (Biblioteca de Cultura Geral) e R (Revistas).

Art. 5.º Os leitores que retirarem livros ou revistas da Biblioteca comprometem-se a:

a) Zelar pela boa conservação dos mesmos.
b) Devolvê-los à Biblioteca dentro do prazo estipulado no presente regulamento.

Art. 6.º — O prazo estipulado para a devolução dos livros e revistas será de 10 (dez) dias, a contar do dia da retirada.

Art. 7.º — Incorerrão em multa os colegas que: não cumprirem rigorosamente as alíneas "a" e "b" do artigo 5.º.

§ 1.º — A multa estabelecida para os faltosos com a alínea "a" do artigo 5.º, será estabelecida pelo Bibliotecário, ou pelo Secretário Cultural-Científico, ou por ambos, de acôrdo com a extensão dos danos produzidos.

§ 2.º — As multas estipuladas para os faltosos com a alínea "b" do artigo 5.º, obedecerão ao seguinte critério:

a) até uma semana de atrazo: Cr$ 5,00 (cinco cruzeiros).
b) de uma a duas semanas de atrazo: Cr$ 10,00 (dez cruzeiros).
c) de duas semanas até 30 dias: Cr$ 20,00 (vinte cruzeiros).

§ 3.º — Quando o associado incorrer em atrazo de mais de 30 dias, será desligado do quadro de leitores da Biblioteca, sendo intimado a devolver imediatamente o material retirado, sob pena de recorrer o Bibliotecário à alínea "c" do artigo 16.º dos Estatutos do CASL, bem como ao parágrafo único do mesmo artigo, os quais tem a seguinte redação:

"art. 16.º — Incorrerá em pe-
"nalidades o associado que:
"c) desviar revistas, jornais, ou
"qualquer outro material per-
"tencente ao Centro da Facul-
"dade.
"§ único — O associado que in-
"correr nas alíneas "c" e "e"
"dêste artigo, além de sofrer as
"penalidades cabíveis, será obri-
"gado à indenização do prejui-
"zo.

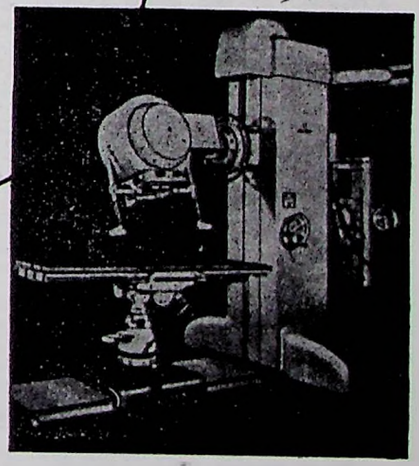
§4.º — Em primeira instância, o Secretário Cultural-Científico ou o Bibliotecário julgarão da procedência ou não das justificativas apresentadas pelos faltosos.

§ 5.º — Em caso de inconformidade com as decisões do Secretário Cultural-Científico ou do Bibliotecário, os faltosos poderão recorer aos poderes superiores do CASL.

Art. 8.º — O horário de funcionamento da Biblioteca será estabelecido pelo Bibliotecário, que deverá anexá-lo ao presente regulamento, ficando ambos em exposição permanente na Biblioteca do CASL.

SIEMENS

Do raio X Dental até o poderoso Gammatron +



estende-se nossa linha de aparelhos;
Instalações para radiodiagnóstico
e radioterapia
Instalações para diagnóstico e terapia
pelos radioisótopos
+ Bomba de Cobalto (60)
Aparelho Betatron para produção
e aplicação de Elétrons acelerados
e raio X ultra duros (15 MeV)

ASSISTÊNCIA E TRADIÇÃO

CASA LOHNER
S. A. MEDICO TECNICA
Loja e escritório — Rua Dr. Flores, 216 - Tel. 4448 - PORTO ALEGRE
CAIXA POSTAL, 839 - End. Telegr. "RENOL"
Depósito — Rua Buarque de Macedo, 175
Departamento Técnico — Praça Rui Barbosa, 33 - Tel. 9-1984

Reclamando e Pedindo

Aceca

Faculdade de Medicina. Fim de aula, Uma turma sai da sala. Alegria, barulho, Uma dupla: —

— Vamos ao Centro?

Vamos.

Não, êles não se refiram ao centro desta mui leal e valerosa, e sim ao Centro Acadêmico, que por êsse motivo, para a nossa satisfação, pulula de colegas antes, e principalmente após as aulas. O C. A. é um verdadeiro prolongamento do nosso lar, quer pela intimidade, quer pelo convívio com os colegas e amigos que fazem dele, com também nós, um ponto obrigatório de estada na Faculdade.

E por considerá-lo como tal é que nos atrevemos a escrever isto que agora lêdes.

Alguns colegas, sem o pretender cremos, tornam o nossa sede menos agradável e mais desorganizada.

Fazem-no quando sentam com as pernas por sôbre os braços das poltronas. Isso estraga-as.

Fazem-no quando tomam para escabelo de seus pés as mesinhas que acompanham as poltronas. Isso também as estraga.

Fazem-no quando jogam ou deixam cair sem levantar, papéis, cigarros fumados e coisas assim. Isso suja.

Fazem-no quando estraçalham os jornais e deixam-nos espalhados pelo chão. Isso é anti-estético.

Fazem-no quando atiram pedaços de doces, pastéis, etc., nos pequenos canteiros para folhagens. Isso é anti-higiênico.

Fazem-no finalmente, quando não guardam as peças de xadrez. Isso já é um pouco de intolerância da nossa parte, mas é o certo.

Estas as nossas reclamações. Quanto aos pedidos que o título sugere, não fá-lo-emos porque êles referem-se ao texto das reclamações e nós acreditamos na compreensão dos colegas. Muito obrigado antecipadamente.

DIVINA LÓGICA

Por Antonio Carlos Kroff

A lógica! Oh!... A divina lógica. A inatacável, a soberana, a irredutível. Como me arrependo de não haver seguido os seus ditames; como me arrependo de não ter ouvido sua vóz. Assim eu não teria errado tanto e seria infalível. Mas, agora que resolvi penetrar a fundo nesse ramo do conhecimento humano, quero que todos partilhem comigo de seus benéficos ensinamentos. Bem, mas antes de começar quero dar um conselho: "Sempre que tiverem algum problema a resolver, seja êle qual fôr, apliquem imediatamente a lógica e estarão no caminho certo". Principalmente em se tratando de mulher, ela é insofismável.

Agora vamos a uns fatos:

Aposto que muita gente ainda tem uma noção completamente errada quanto ao local em que nasceu Cristo. Vejamos o que diz a lógica:

Belém é uma estação da Central.
Cristo nasceu em Belém.
Logo:
Cristo nasceu numa estação da Central

Vocês viram? Não está claro? Não se admirem, porém, pois muita gente não sabia disso.

Mais estarrecedor é o exemplo seguinte. Sempre se ouviu falar do Pão de Açúcar. Diz-se mesmo que é uma das grandes maravilhas do Brasil. Foi por isso que fiquei estarrecido quando me provaram que êle não existe. Vejam:

O Pão de Açúcar não tem pão.
O Pão de açúcar não tem açúcar.
Logo:
O Pão de Açúcar não existe.

Que tal? a lógica é esmagadora. E' triste, é doloroso, mas verdadeiro. E essas revistas que publicam reportagens fotográficas do pretenso ornamento? Infelizmente, vivem de ilusões.

Mas, o pior vem agora. Os médicos, êsses infames, que dizem êles? Afirmam com o maior cinismo que os surdos-mudos não falam, nem ouvem. Pois ouçam o que diz a lógica:

Os surdos podem falar.
Os mudos podem ouvir.
Logo:
Os surdos-mudos podem ouvir e falar.

Não obstante os médicos continuam afirmando o contrário. Imbecis, pior do que êles só os matemáticos mesmo, que afirmam que dezoito laranjas e dezoito laranjas são a mesma coisa. E mais uma vez a lógica cai implacável sôbre êles:

Nove laranjas não são onze laranjas.
Nove laranjas não são sete laranjas
Dezoito laranjas não são dezoito laranjas.

Não vou comentar a justeza da soma dessas parcelas para não envergonhar os matemáticos. Tudo se complica, porém, quando a lógica entra nos domínios da alimentação. Êsses dias, por exemplo, um sujeito começou a sentir-se mal quando descobriu que comia abacates com casca. Aconteceu assim:

Êle comia abacates.
As cascas dos abacates fazem parte dos abacates.
Logo:
Êle comia abacates com casca.

Incrível, não é? Mas, por mais absurdo que pareça, é incomensuràvelmente lógico. E assim poderíamos citar centenas de exemplos. No entanto, vamos parar por aqui e confiar na soberana, maravilhosa e divina lógica.

NOTAS DA SECRETARIA CULTURAL

(Continuação da pág. 2)

tro Acadêmico, no mesmo horário do funcionamento da Biblioteca, os seguintes diplomas, que solicita sejam procurados pelos respectivos donos:

URGÊNCIAS EM PEDIATRIA: Anésio Picinini, Angelo Mariante Coelho, Angelo P. Vieira, Antônio Beux, Aureo Monkolski, Carlos Machado Fehlberg, Carlos N. Salim, Demóstenes Pinto, Emir Hausen, Flávio Artur Sassen, Jacó Chachamovich, Jacob Manfro, Jayme Guilherme Muratore, Mariano Pinheiro Machado, Paulo Antônio Soares, Terezinha de Jesús Rodrigues Diniz, Valter José Aita.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO FUNDO DE ÔLHO — Ceo Paranhos de Lima, Guenther von Eye, Osvaldo Bruno Müller, Otto Clementino Busato, Rubem Nelson Keller.

INTRODUÇÃO ANALÍTICA À MEDICINA PSICOSSOMÁTICA — Alberto Correia Ribeiro, Emilia de Mello Ribeiro, Emilia Flores, Francisco Drofman, Iris Odette Dreher, Juracy Marques, Maria Feijó Monteiro, Maria Helena L. de Souza, Moisés Bernart, Noemy Varges Pinto, Pedro Chaves Barcellos, Reveca Terszkin.

CIRURGIA DE MÃO — Antônio Luiz Gomes, Walter Ferraz Fernandes.

INTRODUÇÃO À GASTRENTEROLOGIA — Áureo Monkolski, Nelson Lemos.

MOLÉSTIAS VASCULARES PERIFÉRICAS — Aécio Soares Brito, Ailton Lovato da Rocha, Aureo Monkolski, Bernardo Turkenitch, Gilberto Tubino da Silva, Ilton Gomes de Ornellas, João Arnaldo Vieira Guimarães, Júlio Teixeira Machado, Luiz Ernesto Cabral Pellanda, Marco Aurélio da Rosa, Paulo Martinho Cáceres, Sérgio Mauro Malinski, Teerezinha M. Cánovas Teixeira.

CURSO DE INGLÊS YÁZIGI

Dentro de breves dias, com data a ser amplamente divulgada, será realizada uma aula de demonstração do método de ensino da língua inglêsa "YÁZIGI". A Secretaria Cultural-Científica está em entendimentos com os responsáveis pelo curso, a fim de iniciar, no próximo ano, cursos de inglês para estudantes de Medicina, que, se possível, seriam ministrados na própria Faculdade, em condições muito vantajosas.

Para a aula de demonstração, estão convidados todos os associados do Centro Acadêmico Sarmento Leite.

DIPLOMAS DO CURSO LIVRE DE CLÍNICA MÉDICA DO DR. JOSÉ MARTINS JOB — Claus Michael Preger, Januário Gus, João Carlos Prolla, João Cari Machado Nunes, José Felipe Poli, Junay Antonio Maragno, Lenine Cunha, Luiz Ernesto Cabral Pellanda, Norma Malheiros Sant'Anna, Orlando Valério Zawadzki, Ronald Bossemayer, Sérgio Pôrto, Valentin Molina, Vitor Albino Busato. Certificados de auxiliares de ensino do mesmo curso: Antônio E. Ludwig, Edson Medeiros, Eduardo Monmany, Flávio Sassen, Iseu Gus, José Torres, Noé Zamel, Otto Busato.

Joaquim Dahne Kliemann
Secretário Cultural-Científico

«xeque mate» à dor
Sandoptal
Aminopirina
Trimetilxantina
OPTALIDON
um produto SANDOZ

Pesquisa Vocacional

DE MOISES TRACTENBERG

Ao elaborar o presente questionário tivemos em mente ampliar nosso conhecimento sôbre o aluno que ingressa num curso profissional, através da pesquisa das suas motivações principais na escolha de um ofício ou profissão.

Se o conceito de vocação se estende como um querer consciente no sentido de uma determinada profissão ou atividade, tomamos o termo motivação na acepção de tendência ou tendências mais ou menos conscientes, que explicam de modo imediato a opção vocacional.

QUESTIONÁRIO VOCACIONAL

I — **Estrutura:**

1 — O questionário compõem-se de 25 respostas estandartizadas à pergunta "Por que escolhi o curso ou profissão de ....?; dentre estas o aluno deverá escolher e assinalar as 10 respostas que estejam mais de acôrdo com a sua maneira de sentir.

2 — As 25 respostas "standard" se subordinam em grupos de 5 a 5 modalidades de motivações:

a — Vocacionais pròpriamente ditas;
b — Econômicas;
c — Sociais;
d — Submissão à vontade do grupo familiar;
e — Motivações secundárias ou pseudo-motivações.

As respostas pertencentes às diversas modalidades de motivação estão misturadas entre si no questionário entregue ao aluno.

3 — Convenções: Tipos de Respostas.

a — Respostas Vocacionais ..... RV
b — Respostas Econômicas ..... RE
c — Respostas Sociais ..... RS
d — Respostas de Submissão ao Grupo RSG
e — Respostas de Pseudo-motivações RPM

II — **Critério de Avaliação:**

1 — **Dignóstico Qualitativo** — Obtidas as 10 respostas assinaladas pelo aluno, verifica-se a que modalidade ou motivações às mesmas pertencem, podendo-se deparar os seguintes casos:

a — Maior número de RV, o que nos dará o diagnóstico qualitativo de: 'Motivação predominante-vocacional."

b — Se tivermos RE em maior número, teremos o diagnóstico: 'Motivação predominante-econômica".

c — Se fôr RPM: Diagnóstico: — A escolha foi realizada por razões secundárias ou pseudo-motivação.

Em caso de empate, como por exemplo, se entre as 10 respostas se verificar: 5 RV e 5 RE, ou 3 RE e 3 RS, escrever-se-á RV = RE — (5) ou RE = RS (3). Em caso de empate tríplice como: 3RV, 3RE, 3RS, escrever-se-á RV = RE = RS e o diagnóstico qualitativo será: Motivação Estético-Econômico- Social.

2 — **Diangóstico Quantitativo** — O diagnóstico quantitativo visa determinar o grau de convicção vocacional do aluno. Para iso foi estabelecida a seguinte escala de pesos atribuidos às diversas motivações:

a — Motivações Vocacionais .... 5 (RV)
Motivações Econômicas .... 4 (RE)
Motivações Sociais ..... 3 (RS)
Motivações de Submissão ... 2 (RSG)
Motivações Secundárias .... 1 (RPM)

b — estabeleceu-se um pêso maior para a motivação vocacional porque ela representa a resposta mais ajustada, mais harmônica e mais egocêntrica à pergunta: "Por que escolhi a Oficina ou Profissão de .. ..?"; pela razão inversa foi atribuido o menor pêso às respostas de pseudo-motivação que são desajustadas, confusas e impessoais. Oscila portanto a escala de pesos, na valorização que ela atribui às motivações, em ordem decrescente que vai desde as motivações mais sinceras, egocêntricas até as mais confusas e impessoais.

c — Critério de Diagnóstico: Para obter-se o diagnóstico quantitativo, selecionadas as 10 respostas pelo aluno, proceder-se-á da maneira seguinte:

Multiplica-se o número de respostas de determinado tipo de motivação pelo seu pêso respectivo.

Após, somam-se os resultados para obter o número de pontos total.

Ex.: Havendo 5 respostas RV e 5 respostas RE, e sendo o pêso de RV = 5 e de RE = 4, teremos $5 \times 5 + 5 \times 4 = 45$ pontos.

Se ocorrer 5 RPM e 5 RGS, teremos $5 \times 1 + 5 \times 2 = 15$ pontos.

Se ocorrer 4 RGS e 3 RS, teremos $4 \times 2 + 3 \times 3 = 17$ pontos.

d — Norma de Diagnóstico:

45 - 36 pontos = Convicção vocacional boa
35 - 31 pontos = Convicção vocacional reg.
até 30 pontos = Convicção vocacional precár.

e — **Respostas "standard" pertencentes às diversas modalidades de motivações:**

Item A — Vocacionais:

1) Pretendo cursar a oficina de ..... porque acho bela a profissão de .....
2) Pretendo cursar a oficina de ..... porque gosto da profissão .....
3) Gosto da profissão de ..... porque as oficinas de ..... são muito atraentes.
4) Gosto da oficina de ..... porque tenho admiração pela profissão nela ensinada.
4) Pretendo cursar a oficina de ..... porque acho o trabalho de ..... muito atraente.

Item B — Econômicas

1) Gostaria de ser ..... porque a profissão de ..... é muito rendosa.
2) Gosto da profissão de ..... porque trabalhando na mesma poderei ganahr muito dinheiro.
3) Pretendo seguir ..... porque desejo no futuro montar uma oficina de ..... de minha propriedade.
4) Pretendo cursar a oficina de ..... porque existe uma procura muito grande de técnicos especializados em ..... por parte da indústria e emprêsas.
5) Gostaria de ser ..... porque desejo receber um bom salário.

Item C — Sociais:

1) Pretendo cursar a oficina de ..... porque ..... é uma profissão útil à sociedade.
2) Gostaria de ser ..... porque o Brasil precisa de .....
3) Gostaria de ser ..... porque a minha cidade precisa de .....
4) Pretendo cursar a oficina de ..... porque desta maneira poderei auxiliar minha família.
5) Pretendo me especializar na oficina de ..... porque assim contribuirei para o progresso do país.

Item D — Submissão ao grupo familiar:

1) Pretendo cursar a oficina de .... porque meu pai o deseja.
2) Pretendo cursar a oficina de .... porque minha mãe a quer.
3) Gostare de freqüentar a oficina de ... . porque papai e a mamãe acham que a profissão de ..... é muito futuro.
4) Pretendo cursar a oficina de ..... porque todos aconselham aos meus pais que a profissão de ..... é muito boa.
5) Pretendo cursar a oficina de ..... para satisfazer a vontade dos meus pais

Item E — Pseudo-motivação:

1) Pretendo cursar a oficina de ..... porque não tenho vontade de cursar nenhuma das outras.
2) Pretendo cursar a oficina de ..... embora possa vir a gostar mais tarde de outra.
3) Pretendo cursar a oficina de ..... porque não conheço as profissões ensinadas nas outras.
4) Pretendo cursar a oficina de ..... embora para mim seja indiferente freqüentar uma outra qualquer.
5) Pretendo cursar a oficina de ..... porque há pessoas que acham boa a profissão.

MODELO DE QUESTIONÁRIO A SER APLICADO

Questionário Vocacional

Se você já escolheu a oficina que pretende freqüentar durante o seu Curso Industrial, indique quais os motivos que o levaram a escolha.

Para isto basta assinalar com um traço apenas 10 respostas, entre as 25 que estão logo abaixo, que expressem melhor a sua maneira de sentir. Leia antes, com atenção, todo o questionário.

Pergunta:

Por que escolhi a oficina de ..... ?

Respostas:

Assinale apenas as 10 respostas que você escolher.

1 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque gosto da profissão.
2 — Gostaria de ser ..... porque a profissão de ..... é muito rendosa.
3 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque a ..... é uma profissão útil à sociedade.
4 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque meu pai o deseja.
5 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque não tenho vontade de cursar nehuma das outras.
6 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque acho bela a profissão de .....
7 — Gosto da profissão de ..... porque trabalhando na mesma, poderei ganhar muito dinheiro.
8 — Gostarei de ser ..... porque o Brasil precisa de .....
9 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque a minha mãe o quer .....
10 — Pretendo cursar a oficina de ..... embora possa vir a gostar mais tarde de outra.
11 — Gosto da profissão de ..... porque as oficinas de ..... são muito atraentes.
12 — Pretendo seguir ..... porque desejo no futuro uma ofcinia de minha propriedade.
13 — Gostaria de ser ..... porque a minha cidade precisa de .....
14 — Gostaria de freqüentar a oficina de ..... porque o papai e a mamãe acham que a profissão de ..... é de muito futuro.
15 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque não conheço as profissões ensinadas nas outras.
16 — Gosto da oficina de ..... porque tenho admiração pela profissão nela ensinada.
17 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque existe uma procura muito grande de técnicos especializados em ..... por parte da indústria e emprêsas.

(Cont. na pág. 12)

Grandes Vultos da Medicina

L. C. FARRET

O progresso da ciência médica não é apanágio de uma ou de outra determinada mentalidade.

Surgem aos poucos as grandes realizações, fruto do trabalho constante de muitos. Nascem e morrem as teorias, sucedem-se as especulações, as vitórias são enaltecidas. E nesse vai e vem constante de idéias haverá sempre os Guias.

Justifico, pois, esta coluna.

Abramos as janelas do passado, mostrando no horizonte distante da ciência médica, a longa procissão daquêles que foram os Primeiros Veremos então que nesse horizonte reunem-se, enlaçadas, as futuras e passadas Idéias.

André Vésale

Quando o velho Sylvius mostrava convicto aos estudantes muitas idéias errôneas de Galeno, alguém lhe perguntou:

"Se Galeno é tão difícil por que não nos explicam outra coisa que não seja Galeno?"

Estranha pergunta essa do jovem André Vésale. Outra coisa que não fôsse Galeno ou Aviceno era difícil encontrar no início do século XVI. A autoridade do velho romano estendia-se soberana até a Idade Média e pouco de novo se lhe havia juntado. De um lado a ignorância, de outro a influência da Igreja, mais autoritária do que nunca, faziam com que os conhecimentos anatômicos se reduzissem a um punhado de teorias sem base e de dedução muitas vêzes puramente imaginativa. Não restavam dúvidas. Fazia-se mister outra coisa que não Galeno.

Por uma destas fatalidades tão benéficas à ciência, aquêle mesmo jovem que ofendera Sylvius estava fadado a guiar a Anatomia titubeante nos primeiros passos de uma longa e promissora jornada.

André Vésale, filho de um farmacêutico, nasceu em Bruxelas em 1514 e muita coisa de novo teria para dizer, mais tarde, até sua morte em 1564. Estudou Medicina em Louvain. Sua carreira foi rápida e ascencional.

Jóvem ainda contorcia-se sob a opressão das antigas idéias.

Mas que fazer? Queimar, apedrejar sêres humanos, tudo era permitido; dissecar religiosamente um cadáver, isso jamais se legaria à Ciência. Ela que se contentasse em estudar cães, porcos ou outros animais. Vésale via, porém, que aquilo não era o suficiente. Era preciso muito mais; era necessário encontrar a verdade científica onde ela morava.

"Por que não nos deixam dissecar sêres humanos?" perguntava êle. E, por êsse objetivo, jogou com a sorte a sua própria vida.

Vagava pelos arredores da cidade, quando a noite caia. Vasculhava pelos monturos os corpos dos sentenciados. E no meio daquelas massas em putrefação, êle, com a paciência dos sábios, juntava-os, pedaço por pedaço para conduzí-los, às escondidas, ao interior da cidade.

Estudava, dissecava, descobrindo novos achados, fundando dessa forma a Anatomia Científica.

Não tardou, porém, que a sombra da Inquisição, turvasse sua mesa de trabalho. Fugiu muitas vêzes, mas em suas fugas aproximava-se cada vez mais da Medicina. Chegando a Itália, publicou sua obra "A estrutura do corpo humano".

Corria célere o ano de 1543. Com êsse livro entrava a Anatomia numa época de luzes, enquanto que a Medicina fundava uma de suas mais sólidas bases.

Sôbre essa obra, dizem os biógrafos não ser ela destituída de falhas. Vésale errou também. Os meios eram precários, o asunto vastíssimo e os erros muitos a desfazer.

Fácil é imaginar a revolução causada no mundo científico. Idéias novas a defrontarem-se com velhos princípios dogmáticos. Muitos acreditaram, outros menearam a cabeça como se assistissem a uma loucura sem igual.

Vésale, porém, não terminara a sua tarefa. Serviu durante vinte anos como médico de Carlos V. Viajou pela Palestina expiando, por graça do Imperador, uma falha profissional que por pouco não lhe condenou à morte.

Seu fim, como muito de sua vida, é controverso. Conta-se que ao voltar da Terra Santa o navio em que viajava naufragou, André Vésale perdera a vida ao voltar para ocupar pela segunda vez, em Pádua, a cátedra de Anatomia.

Entendam-me; André Vésale não fundou a Anatomia, não foi tampouco o único e dedicar-se a ela. André Vésale foi um dos Primeiros. À êle nossa admiração e reconhecimento.

ANTONIO RIZZO S. A. COMERCIAL FARMACÊUTICA

Pôrto Alegre Curitiba Londrina

Distribuidores exclusivos da E. R. SQUIB & SONS S. A.

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

O QUE VAI PELA PRIMEIRA SÉRIE:

Eleita a Diretoria da ATM

Rudah Jorge, o presidente eleito, fala de seus planos — Conferências, polígrafos e excursões — Nilson May campeão do Torneio de Futebol de Mesa — Em sua fase final o Tornei de Xadrez Estreiou vencendo a equipe de futebol de salão — Notas sociais

ELEITA A DIRETORIA DA ATM-63

Realizou-se na segunda quinzena de agôsto a eleição da diretoria que regerá os destinos da Associação de Turma Médica dos alunos da primeira série. Concorreram às eleições quatro chapas, tendo sido eleita a chapa encabeçada pelo colega Rudah Jorge. Após a sua eleição o presidente escolheu os elementos que ocuparam os cargos de confiança na ATM-63

DIRETORIA DA ATM-63

E' a seguinte a nova diretoria:
Presidente: Rudah Jorge
Vice-pres.: Samuel R. Constant
Secretário: Rui Donadussi
Sub-secretário: Eufrides S. Silveira
1.º tesoureiro: Afonso Ribeiro
2.º tesoureiro: Irajá Silveira
Departamento Cultural e Científico
Diretor: José Candido Silveira da Rosa
Setor de Polígrafos: Samuel R. Constant
Setor de Imprensa: Irajá Silveira
Departamento Esportivo
Diretor: Silvio Drebs
Setor de Remo: Afonso Ribeiro
Setor de Futebol: Johnny Zoppas
Setor de Volei: João Otávio Maciel
Setor de Basquete: Telmo Ribeiro
Setor de Futebol de Salão: Carlos Cleber Nunes
Setor de Xadrez: David Spilki
Guarda-Esporte: Silvio Drebs
Departamento Social
Diretor: Gerda Horn
Setor de Teatro: Fernando Alves
Departamento de Viagem
Presidente: Moacir Milton Zaduchliver
Vice-pres.: Ronald Franck
Secretário: Luiz Carlos Lantieri
Tesoureiro: Nilton Herter
2.º tesoureiro: Edson Carpilowiski

FALA O PRESIDENTE RUDAH

Em palestra que mantivemos com o presidente ficamos sabendo de algumas das muitas realizações que pretende, juntamente com seus demais colegas de diretoria, realizar. Disse-nos o colega Rudah:

"A ATM-63 não ficará sòmente no papel. Será uma associação de todos os alunos da primeira série. Nela seus associados encontrarão apoio em suas reinvidicações. Os diversos departamentos funcionarão visando sòmente o associado. Conheço a capacidade de seus diretores e sei que não desmerecerão a confiança neles depositada. Como prova desta afirmativa cito a excursão à Canela. A excursão foi organizada pelo departamento social que empregou todos os seus esfôrços para sua concretização. Estas excursões além de servirem como recreação aproximam ainda mais os colegas, fortalecendo os laços de união da turma, que é onde repousa a concretização de muitos planos. ....O departamento cultural que tem a frente o colega José Candido da Rosa, organizará uma conferência com o nosso diretor. A referida conferência será realizada no anfiteatro de Anatomia. Outra conferência programada será, possivelmente, com o prof. Rubens Maciel, sôbre "Moral na Medicina".

Os diversos departamentos desportivos já tem se movimentado e tudo leva a crer que futuramente teremos diversos encontros com outras séries ou agremiações.

O setor de polígrafos está trabalhando ativamente, com a colaboração de diversos colegas traduzimos pontos do livro de Anatomia, Philip Thorek, que serão mimeografados e distribuidos aos associados. Também serão mimeografados e possivelmente impressos os pontos de Física Biológica.

Finalizando, disse-nos o entrevistado:

"Como podem ver, em pouco mais de um mês, a ATM deu mostras do que realmente pode realizar. Pedimos a colaboração de todos os nossos colegas, pois sòmente assim poderemos realizar o que planejamos e fazer da ATM o orgulho de seus associados".

TORNEIO DE FUTEBOL DE MESA

Foi realizado entre os alunos da primeira série um torneio de futebol de mesa e que contou com a participação de 12 elementos. Foi vencedor do torneio o colega Nilson May, que venceu dez partidas e sofreu duas derrotas.

A classificação final do certame foi a seguinte:

1.º lugar: Nilson May com dois pontos perdidos.
2.º lugar: Freddy Marin
3.º lugar: Johnny Zoppas e Elio Paludo
4.º lugar: Roberto Ingrácio, Rui Donadussi e Leonel Doglia.
5.º lugar: Enio Rotta e Julio Martins.
6.º lugar: Roberto Schan, Geraldo Guimarães.
7.º lugar: Jorge Ossanai

Realizaram-se 66 partidas e mais uma de desempate entre Nilson May e Freddy Marin.

FUTEBOL DE SALÃO

Tendo como local a quadra asfaltada da Escola T. Parobé, a equipe de futebol de salão da primeira série enfrentou a da Imprensa Oficial da referida escola.

Foi uma partida arduamente disputada pelas duas equipes e que terminou com a vitória dos primeiroanistas pelo escore de cinco tentos a quatro. A equipe da primeira série formou assim: May — Madalosso — Viçosa (Johnny) — Freddy — Rudah (A. Guimarães).

TORNEIO DE XADREZ

Conforme noticiamos em nosso número anterior estava em pleno desenvolvimento um torneio de xadrez entre alunos e professores da primeira série. Contando com a participação de vinte candidatos, a comissão organizadora foi obrigada a dividir em duas chaves: A e B. Os três primeiros colocados disputarão entre sí a supremacia na 1.ª série. Até o presente momento sòmente a chave A apresentou seus três representantes e que são Wanderley Porciuncula, com sete pontos ganhos e Antonio e Walter Koff, com 6,5 pontos. Na chave B os dois primeiros colocados já são conhecidos. São êles: João P. Berto e Ruben Weis. A terceira colocação sòmente será conhecida depois da realização dos encontros que faltam, uma vez que, três candidatos encontram-se em condições de disputar esta colocação.

NOTAS SOCIAIS

Aniversários de Outubro:
Dia 13 — Carlos Antonio Madalosso
Dia 14 — Jaime Dias
Dia 15 — Fernando Duarte Alves
Dia 18 — Fernando Monteiro de Freitas
Dia 20 — Cirilo C. Farias
Dia 31 — Edison Carpilovsky

LIVRARIA EDITÔRA GUANABARA — KOOGAN S. A.

LIVROS DE MEDICINA

VENDAS A CRÉDITO

Rua dos Andradas, 1727 — Loja 4
Edifício Oswaldo Cruz — Térreo
Caixa Postal 1.800

End. Telegráfico: EDIGUA
Fone 9-1232
Pôrto Alegre

Prometo que...

Ivo A. Nesralla

...Ao exercer a medicina, mostrar-me-ei sempre fiel aos princípios da honestidade, da caridade e da ciência...

Assim se inicia o histórico "Juramento de Hipócrates". Suas palavras, sìmples na forma mas profundas no sentido, devem ser para o médico qual oração diária no elevar do espírito.

Porém, para muitos dos "discípulos de Hipócrates", êste juramento não passa de mera formalidade de formatura; e é para êles que, de modo especial, dedico estas linhas.

Os progressos da vida moderna e as novas ideologias político-sociais, trouxeram ao homem do século XX uma nova forma de vida, e muitos dêles fizeram uma troca na escala de valores: absolutizaram o relativo e relativizaram o absoluto.

Isto está acontecendo atualmente com muitos médicos, e para prová-lo aqui está o caso contado por um colega nosso na edição de agôsto dêste jornal. Relata o dito colega o caso de uma parturiente que, ao procurar um médico, foi por êste interrogada da seguinte forma:

"— O seu marido trabalha?

— Quanto ganha?

— Tem propriedades?

— Possui dinheiro no banco?"

Como se êsses dados fizessem parte da anamnese.

Fatos como êsses infelizmente são muito comuns nos dias que passam, sem contar o do médico aborteiro e de outros que, à custa de um moderno aparêlho, exploram o paciente...

O "discípulo de Hipócrates" que assim faz, pratica a inversão de valores da qual falei inicialmente: absolutiza o que é relativo (o fator financeiro), e relativiza o que, para o médico, é absoluto (os preceitos da ética médica).

O médico que pratica o abôrto ilícito ou impede a vida por um processo qualquer; o médico que satisfaz os desejos de uma mãe materialista que por motivos quase sempre fúteis não quer ter mais filhos, é perante sua própria consciência um criminoso.

Prezado colega, com isto tento salientar o valor de uma vida dedicada ao exercício da verdadeira medicina, e mostrar-te que aquelas palavras de Hipócrates não são antiquadas ao nosso século, como preconizam muitos, mas que há nelas sementes de eternidade.

Se agires, porém, de acôrdo com os preceitos da honestidade, da caridade e da ciência, sentirás a beleza de uma profissão bem exercida; e cada vez que vestires o avental, êle representará teus dias felizes e tuas horas de santos suores vertidos em benefício da ciência e da humanidade.

E quando se apagarem os círios negros de teus olhos, cada pessoa sôbre teu túmulo depuser a sua lágrima e a sua prece, há de dizer:

Foi um médico

..Foi um homem

E construiu para a eternidade.

UM POUCO DE POESIA

Zigzaguear ...
Tortuosidade...
Um canto desafinado, a garrafa na mão...
Vai, pária!...
Talvez sejas um dos poucos que,
ao recordar a dignidade, dela não rias!

———||———

Um dia triste.
Chuva côr de cinza.
Nada de luz,
nada daquilo que traduz a beleza num gesto.
Falta um 'amém"
para que a felicidade invada o pensamento.

———||———

Chuva...
Mansinha, fininha...
Ping, ping, ping...
Sempre repetindo:
Ping, ping, ping...
Os erros pequeninos também são assim:
Ping, ping, ping...
Mas vão se repetindo, engrossando
e chegam a tempestade...
Tempestade a que não segue a bonança...

NATACHA

CONTRASTE

Anoitecia. Era inverno e chovera desde a madrugada. Há dias que o céu estava carrancudo e a tarde cedo findava, triste e pesada como se o crepe da morte descera sôbre a terra. Antes que a noite se fizesse, um raio de sol, uma esperança, estirou-se por entre o debruado loiro das nuvens no horizonte, apenas iluminando frouxamente os altos edifícios. Depois escureceu...

Na calçada homens e mulheres tagarelas caminhavam apressados, na indiferença hipócrita das grandes cidades. A rua estava cheia de gente, a que as casas ao fecharem, haviam despejado. As primeiras luzes refletiam-se no asfalto da avenida ainda molhada, bondes e automóveis passavam barulhentos em meio a uma confusão própria de um mundo fugidío e espavorido. Era o palpitar insano e frenético da vida das metrópoles, incessante e sem tempo algum para os problemas do espírito, pois a matéria tornou a alma um simples artifício religioso.

Também senti aquela onda de aparência e falsidade, juntamente com o pesadelo da jornada.

À minha frente, uma senhora esbelta, trajando rico abrigo de peles, conduzia pela mão um garotinho valente e animado. Caminhava elegante, o cabelo azeviche caia-lhe em cachos por sôbre os ombros, a bolsa, em combinação com o sapato alto de fino estilo, pendia-lhe da outra mão revestida por luva de pelica, a que larga pulseira de ouro ressaltava, o perfume, o andar, o porte, tudo indicava fartura. Assim andamos uma quadra inteira. Na esquina, diante de uma vitrine iluminada, deteve-se. Voltei-me para mirar-lhe o rosto de linhas aristocratas, perfeito se é que pode existir perfeição na terra. O casaco aberto de cima abaixo deixava à mostra uma silhueta de mulher bonita, do pescoço pendia-lhe um colar de pérolas, a que um vestido de malha preto, frouxamente aderido ao corpo, acentuava a fineza da joia, lábios de carmim, olhos irriquietos, atiçavam ainda mais o desejo libidinoso de quem a notasse.

Por estranha ironia, a seu lado, alguém onde o destino cruel riscara uma de suas páginas mais tristes, se achegara, cabisbaixo, silencioso, talvez para livrar-se do vento que varria a papelama deixada pelo transeunte descuidado. Já velho, chapéu rôto, mostrava seus cabelos brancos como a barba crescida, desfigurado, mais se parecia a um farrapo humano jogado à beira de um mundo onde tudo lhe fôra negado. Sobraçava velhos jornais, dêles fizera um dos sapatos amarrando-os ao pé, do outro pouco restava, esfarrapado e trêmulo, assim buscava defender-se da laje fria, por certo, pensaria êle, mais aquecida que o coração de muitos de seus irmãos. A opulência e a pobreza, a magnificência do palácio e a estreiteza da choupana nunca se encontraram tão juntos, como nesse quadro moderno, quando o próprio céu se tornou pequeno para conter a ambição dos homens.

— Mamãe, eu quero êste sapato que é o mais bonito, solicitou o principezinho.

Nisso o velho voltou-se, olhou o pequeno, adivinhou-lhe o berço de renda alfinetado de rosas, viu a senhora, a senhora o percebeu, quiz balbuciar alguma coisa, esboçar um sorriso... mas uma lágrima rolou-lhe pela face enrugada, a que êle consolando-se prontamente enxugou com a mão trêmula e descarnada. Nada. falou, a êle nem êste nem aquele sapato lhe é dado escolher; qualquer um, mesmo gasto, melhor o abrigaria.

Depois partiu, partiu sem rumo pela noite a fora, noite bem longa iniciada com a vida, vergado ao peso dos anos, sem uma nesga de esperança de ver sequer uma alvorada, sem pressa porque sempre estava em sua própria casa. Do passado apenas restava o que o presente se apiedara de consumir; tudo o mais lhe arrebatara a existência.

Tive vontade louca de correr, gritar, pedir clemência a Deus e aos homens por tanta desgraça, mas na noite fria só ouvi os ecos responderem zombando à minha súplica. Se a rica senhora comprou o sapato mais bonito não vos sei dizer ao certo, quando percebí, o empregado da loja pedi-me licença e baixou a cortina como tôdas as tardes quando anoitecia.

GEMIR FABRIS

Entrevistando o Prof. Oscar Pereira

(Continuação da 1.ª pág.)

te familiar. Sendo meu pai médico e apaixonado pela Medicina e pela Microbiologia, não foi difícil suas convicções, seus pensamentos e trabalhos moldarem a minha inclinação no mesmo sentido. Além disso, acompanhava seus trabalhos e suas pesquisas no Sanatório, nisto tendo grande prazer e interêsse. Porém, foi em verdade após o terceiro ano de Faculdade que comecei a dirigir meus atos no sentido objetivo da Microbiologia.

"— O que poderia o Sr. nos dizer sôbre sua formatura?"

— No ano de 1950, após os seis anos regulamentares de curso, formei-me. Porém, dias antes da formatura, à 11 de dezembro do mesmo ano de 1950, realizei a minha defesa de Tese, a defesa de minha Tese de Doutoramento. o Trabalho intitulou-se "As Novas Técnicas Microbiológicas em Tisiologia", tendo sido o fruto de cinco anos de incessantes labores. "A comissão examinadora, após a discussão do trabalho, conferiu-lhe o gráu 10 com distinção.

No ano seguinte, 1951, em 23 de setembro, o mesmo trabalho foi laureado com o "Prêmio Oswaldo Cruz". Foi-lhe conferido êste prêmio por outra banca examinadora que é constituída para julgar os trabalhos concorrentes e retirar, dentre êles, o melhor. Assim ganhou uma medalha de ouro gravada com o busto de Oswaldo Cruz, além de um diploma"

"— Realizou o senhor alguma viagem de estudos?"

— Sim, na verdade aproveitei muito em uma viagem que fiz a Montevidéo. Lá fiz um Curso de Broncoscopia ministrado pelo Dr. João Carlos Dighiero.

"— Gostaríamos, continuamos, de saber sua palavra sôbre a Microbiologia, ou melhor, sôbre as doenças microbianas no mundo atual."

— A grande maioria das doenças graves que afligem atualmente a humanidade são de origem microbiana. E êste é um problema magno aqui no Brasil pois temos ambiente propício à disseminação dos males causados pelos germes.

"— Quer dizer então que os centros mais adiantados levam, também sôbre êste aspecto, uma grande vantagem sôbre nós?"

— Esta vantagem não é tão acentuada como pode nos parecer à primeira vista. Se os centros de pesquisas adiantados descobrem novas drogas, novos medicamentos contra tôda sorte de germes, êstes por sua vez vão se tornando resistentes a êstes elementos agressivos e mesmo, com o correr do tempo, tornam-se dependentes deles. E' o caso das sulfas e dos antibióticos. Inicialmente eram eficazes sem restrições. Porém logo surgiram as primeiras colônias de germes sulfo e penicilinorresistentes.

"Perguntamos à seguir qual havia sido sua maior emoção na medicina, qual o fato que o tinha abalado mais profundamente. Após alguns segundos de meditação, com voz grave e pausada, respondeu-nos"

— Foi em junho de 1953.

Meu pai adoeceu repentinamente. Foi constatado que havia hematúria. Baixou o hospital e logo foi atendido pelos Drs. Guerra Blessmann, Alberto Rosa e Almiro Alves. Foi quando, num imprevisto, foi-me dada a notícia: "Seu pai está desenganado. Possúe provàvelmente um câncer de bexiga e não se espera mais de um mês de vida." Com o coração amargurado e tremendamente chocado, fui substituí-lo na Faculdade dando uma aula teórica em seu lugar. As previsões dos médicos estavam corretas e, efetivamente, poucos dias após falecia. Creio que foi esta a maior emoção por que passei.

"Nossa última pergunta versou sôbre o "Instituto de Microbiologia da U.R.G.S." centralizado na Faculdade de Medicina. Disse-nos o Dr. Oscar:"

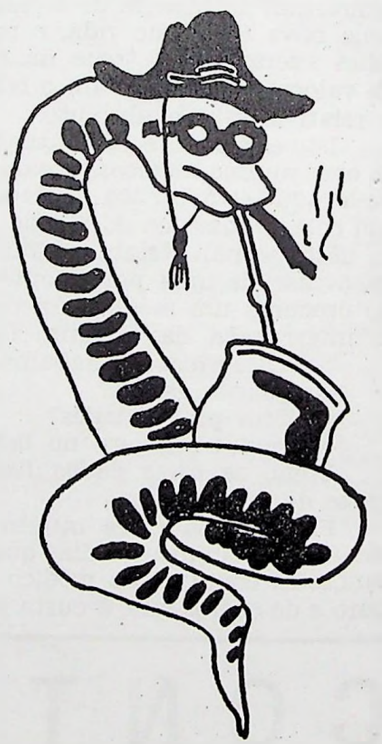
— A finalidade da centralização da Microbiologia, com sede aqui na Faculdade de Medicina, é dupla: elevar em muito o padrão de ensino e contribuir para a Saúde Pública do estado por meio da Secção de Pesquisas. Com a congregação de todos os departamentos de Microbiologia de Pôrto Alegre, provenientes das Faculdades de Medicina, Odontologia, Farmácia, Agronomia e Veterinária e do Instituto de Química, as verbas Oficiais e particulares serão empregadas com o mesmo objetivo de elevar o padrão de ensino e pesquisa. Êstes dois setores serão isolados, isto é, desenvolverão seus programas independentemente um do outro, o que não impede, porém, de os elementos capacitados da secção de pesquisa, darem sua contribuição eficiente no setor didático. Aliás, o ideal é que todos os futuros assistentes do Instituto de Microbiologia trabalhem com tempo integral ou "full-time" e que sejam capazes didàticamente de emprestar sua colaboração ao ensino.

A direção do Instituto estará à cargo do Dr. Homero Jobim, atual Diretor da Faculdade de Veterinária.

"Nosso trabalho estava realizado graças à cortesia do Dr. Oscar. Sòmente nos faltava agradecr imensamente e desejar-lhe muito êxito e felicidades para o futuro, o que realmente foi feito. Saimos do Instituto de Microbiologia já ao entardecer e foi rememorando nossa conversa com o Dr. Oscar May Pereira que deixamos a Faculdade."

COLEGA:

PRESTIGIA COM TUA PRESENÇA A ASEMBLÉIA DOS REPRESENTANTES DO C. A. S. L.



LIVRARIA ATENEU S. A. LIVROS DE MEDICINA

VENDAS A VISTA E A PRAZO

Rua General Vitorino, 244
Caixa Postal 2047

End. Telegráfico: ZIGADAG
Pôrto Alegre

ASPECTOS DE UM MODERNO INSTITUTO DE ANATOMIA

Entrevistado, o Prof. Tauphick Saadi conta-nos a organização de uma modelar Instituição — Um pouco de história — Planos de reestruturação — Moderno ensino de Anatomia — Descrição das instalações — Área adicionada — Atividades do Instituto

Por Nelson Saldanha de Souza

Ao voltarmos à Faculdade, após as férias de julho, um quadro novo se nos deparou no andar térreo. Em vez das mesas e armários com vidros e tubos de ensaio, nas salas cedidas à Faculdade de Farmácia, uma equipe de operários preparando argamassa, carregando tijolos, erguia paredes e modificava completamente aquelas dependências.

Que se instalaria ali? Para que se aproveitariam aquelas amplas salas? Informados de que seriam instaladas ali novas dependências para o Instituto de Anatomia, procuramos o Prof. Tauphick Saadi que responde pela diretoria daquele Instituto.

Posto a par de nossos objetivos, êle acedeu cordialmente em falar a "O Bisturi". Aliás, não é esta a primeira vez que êste jornal tem a oportunidade de acolher a palavra interessante e instrutiva do Dr. Saadi. Noutras ocasiões, entre elas após sua chegada de uma viagem à Europa, foi entrevistado.

Agora, quando o Instituto de Anatomia se prepara para ampliar suas instalações, criando novas e melhores condições para o aprendizado, é chegado o momento de falar dos planos que nortearão daqui por diante a êste Instituto.

— E' pois, com prazer e satisfação, diz-nos o Prof. Tauphick, que como diretor da equipe de Anatomia desta Faculdade, presto estas declarações ao órgão de imprensa do CASL, certo de que por êste meio não só os alunos de nossa Faculdade, mas também de tôdas as faculdades médicas do país tomarão conhecimento do trabalho que aqui estamos realizando.

Entusiasmado, passa o professor a discorrer sôbre o Instituto de Anatomia entre um gole de café e outro, e ora interrompido por seus auxiliares.

— Primeiramente, devemos esclarecer que o Instituto de Anatomia é obra do atual Diretor desta Faculdade, Prof. José Carlos Milano, do qual somos e sempre fomos colaboradores. A nossa organização não poderia existir se não tivéssemos contado com a cooperação direta do Magnífico Reitor Eliseu Paglioli, aliás um dos mais brilhantes docentes que passou por êste Instituto.

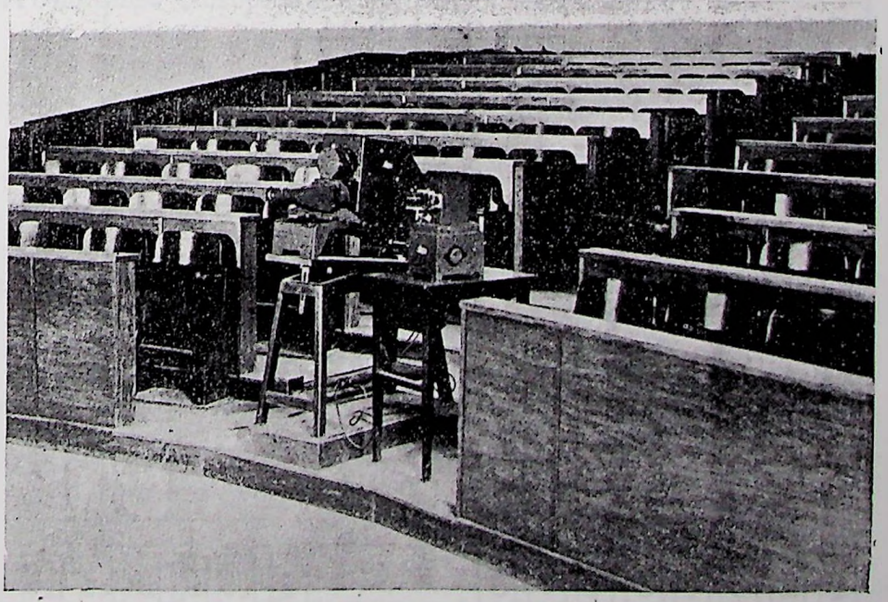
Em terceiro lugar, faço questão do programa pré-estabelecido em 1953, na vigência do Prof. Guerra Blessmann. Êste programa estabelecia uma área de mil metros quadrados para o Instituto, dos quais 750 m2 ocupamos até agora, e com a mudança da Faculdade de Farmácia, a área inicialmente planejada ficou completa com a integração de 250 m2.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Para melhor avaliarmos o que será de agora em diante o nosso I. A. vamos nos reportar ao passado e fazer um rápido bosquejo histórico.

O I. A. nasceu com a Faculdade de Medicina em 1898 e funcionou ao lado da cozinha, sim da cozinha da Santa Casa, numa sala única que servia ao mesmo tempo de câmara ardente. Nessas precárias condições foi ministrado o ensino de Anatomia até 1909, data em que foi inaugurado nos fundos da Santa Casa, o Instituto que está situado na Av. Osvaldo Aranha. Funcionou durante 45 anos nesse local.

O Prof. Tauphick mostra-nos uma revista médica publicada em 1909, que descreve êste prédio, então considerado como modêlo para o ensino anatômico no Brasil. E lê êste parágrafo: "O interior está dividido em cinco salas, uma das quais é o necrotério, que por uma porta dá entrada à Sala Véssale, com cinco mesas de ardósia destinadas à Anatomia descritiva; esta sala comunica-se com a Sala Sabóia —



No clichê acima, uma vista parcial do anfiteatro onde são ministradas as aulas teóricas.

com três mesas semelhantes e servindo para Anatomia médico-cirúrgica e operações de aparelhos; desta passa-se à Sala Morgagni — para Anatomia Patológica, provida de duas grandes mesas de ardósia, uma de lava para trabalhos microscópicos, grande e elegante armário entalhado, guardando microscópios Zeiss, reativos, micrótomos, cristalizadores, enfim o indispensável para os serviços inerentes à referida cadeira; finalmente a Sala Bichat destinada aos lentes e auxiliares de ensino e servindo também para aulas, e na qual se encontram uma mesa giratória para demonstrações, modêlo da Faculdade da Bahia, pequena mesa de ardósia para dissecções parciais, manequim, esqueletos, instrumental cirúrgico, fornecido pela Casa Flicoteau, de Paris".

Como vemos, prossegue o entrevistado, num exiguo prédio de poucas salas nada menos de três matérias eram lecionadas. Mesmo assim, foi admirado na sua época e mereceu elogios pelo alto grau de eficiência com que dotou a Cadeira de Anatomia.

PROJEÇÃO NACIONAL

Nesse local funcionou até 1954, ano de inauguração das atuais instalações. O primeiro professor da Cadeira foi o Prof. Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, uma das maiores figuras da medicina gaúcha, esteio e sustentáculo de nossa Faculdade, da qual foi diretor enquanto viveu. Foram professôres, ainda, os Drs. Nogueira Flores, Moisés Menezes, Bruno Marsiaj, o atual Reitor Magnífico e o Prof. Álvaro Froes da Fonseca, uma das maiores autoridades de Anatomia na América do Sul. Afastando-se dêste Instituto para assumir a direção da Cadeira de Anatomia da Faculdade da Bahia, a qual conquistou em memorável concurso, alguns anos depois, o Prof. Froes conquistou a Cátedra de Anatomia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro por um concurso que se tornou famoso nos anais da medicina brasileira, e de cuja faculdade foi diretor.

Como vimos, dêste Instituto saíram professôres que se projetaram não só no cenário local como nacional. Durante o período que decorreu entre a fundação e o ano de 43, a Anatomia muito produziu e foi a base da educação médica em nosso meio, grangeando um grande prestígio dentro do país e produzindo mais de quarenta teses, entre as quais destacamos as dos Profs. Paglioli, Froes da Fonseca e Nino Marsiaj, qua alcançaram repercussão dentro e fóra do país.

PLANO DE REESTRUTURAÇÃO

Dessa época até aqui assumiu a direção do Instituto o Prof. Milano, por quem fomos convidados a colaborar, e a quem estamos substituindo em carácter interino. Trouxe o Prof. Milano um enérgico plano de reestruturação da Cadeira tanto nos métodos de ensino como na pesquisa. Há quinze anos, portanto, dedicamos nosso tempo como atividade integral e exclusiva para o levantamento do nível universitário nesse sector.

Enquanto não contava com instalações adequadas, deliberou o Prof. Milano dedicar a sua atenção ao aluno, procurando elevar o nível de ensino, melhor maneira de ser criado um ambiente para pesquisa, pois esta não encontra clima propício ao seu desenvolvimento em ambientes de baixo nível cultural. Com premissas de um reestruturação que pareceu inadiável combinou conosco observar as experiências de outros centros anatômicos na Europa e nos Estados Unidos, uma vez que já era de sobejo conhecido o que se fazia nas nossas duas maiores capitais e nas repúblicas vizinhas.

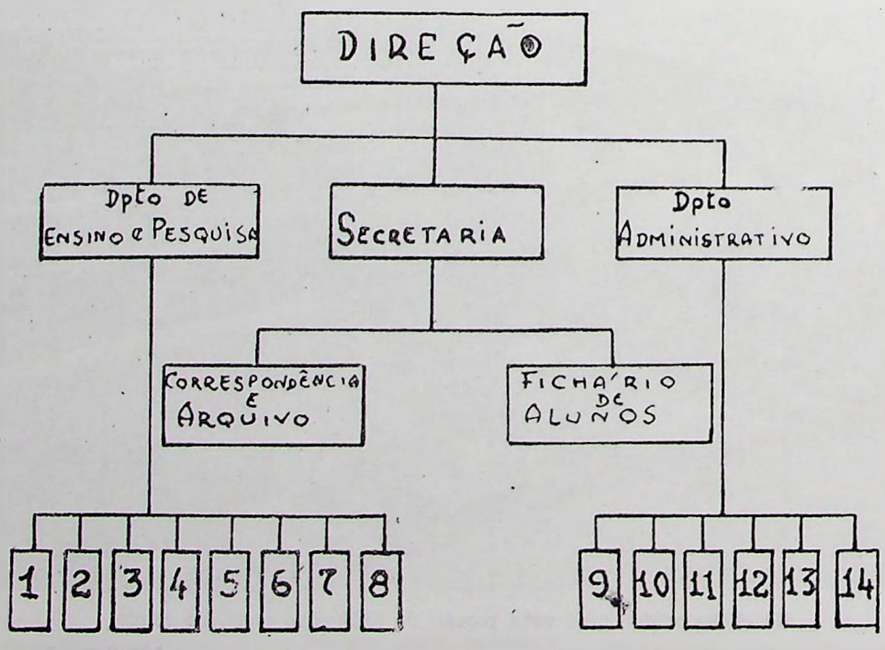
Foi com a adição dessa experiência àquela adquirida em quase dez anos de vivência do problema, e mais a alta compreensão do Magnífico Reitor que concordou em dotar o Instituto de instalações altamente satisfatórias que foi possível iniciar um trabalho de maior envergadura, tendente a atualizar o ensino e desenvolver a pesquisa em moldes mais adequados às exigências hodiernas.

MODERNO ENSINO DE ANATOMIA

— E o ensino, atualmente e nos dias futuros como será ministrado? perguntamos.

— No tocante ao ensino realizamos uma série de pesquisas e experiências com o fito de simplificá-lo melhorando dentro do conceito de que num currículo não há cadeiras mais, ou menos importantes, nem disciplinas que devem dar ao estudante os conhecimentos básicos suficientes para desenvolver e exercer as suas aptidões dentro de um critério harmônico e entrosado com as outras disciplinas, possibilitando assim a integração profissional.

Ao mesmo tempo procuramos ministrar um ensino ativo, controlado, onde o aluno possa desenvolver suas naturais tendências, aguçando o espírito de observação e crítica, pois só se guarda o que se conquista com esfôrço.



1 — Radiologia
2 — Endoscopia
3 — Vivissecção
4 — Dissecção
5 — Embriologia
6 — Neuro-anatomia
7 — Anatomia Seccional
8 — Anatomia de Superfície
9 — Recepção, preparação, conservação do material anatômico
10 — Almoxarifado
11 — Biblioteca
12 — Manutenção e Limpeza
13 — Serviço de Documentação (Fotografia, Moldagem, Desenho)
14 — Museu

Não só o leigo, mas também bom número de profissionais definem o dissector como um cortador de cadáveres, e a Anatomia como a ciência que estuda as estruturas mortas. Êste conceito pertence ao passado. A estrutura que interessa é a viva.

Preconizamos e praticamos atualmente um método de ensino que, em sua essência, estuda o homem vivo, integral, segundo o conceito hipocrático, com os métodos que o profissional emprega na clínica: inspecção, apalpação, endoscopia e raio X. Êste método consiste, fundamentalmente, em o estudante realizar vivisecção em animais anestesiados com o objetivo de observar as estruturas orgânicas como elas são na realidade, em todos os seus aspectos como sejam a côr, a consistência dos órgãos, a pulsatilidade das artérias e todos os interessantes aspectos que a vida apresenta.

Além disso, usamos no ensino o cinema colorido, os métodos radiológicos, o método endoscópico (visão interna dos órgãos) e o método de anatomia de superfície, o qual permite localizar as estruturas vivas através da inspecção e apalpação do corpo. No entanto, em assim fazendo, não abandonamos os trabalhos realizados em cadáveres, pois êstes servem para o estudo das relações profundas dos órgãos e permitem o treinamento dos alunos na arte de dissecar. Nêste estudo, além do método de dissecção, empregamos o método da Anatomia seccional que consiste na leitura de cortes do corpo feitos em várias incidências.

de deixar bem claro que a atual expansão do Instituto já fazia parte

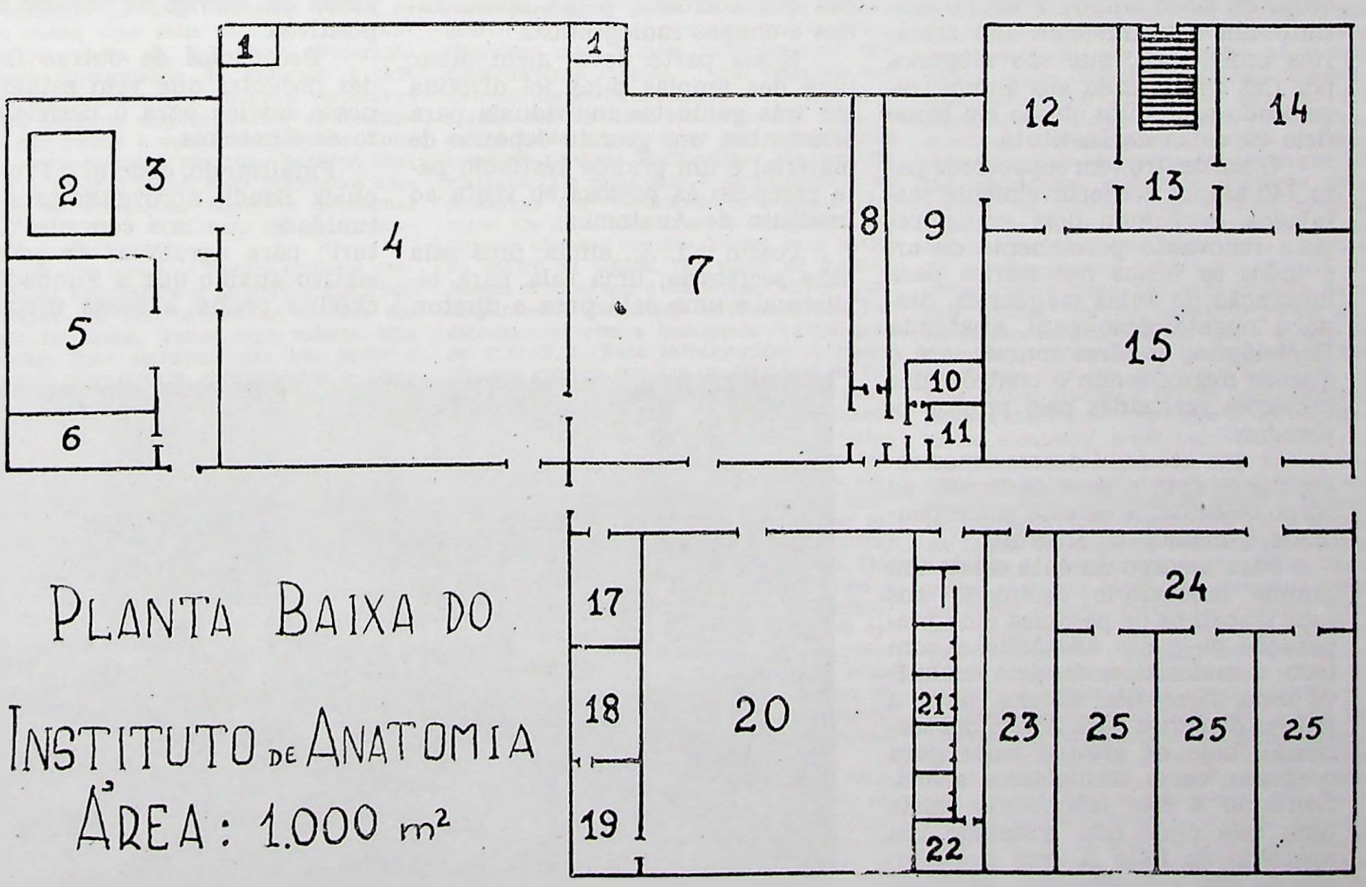
No ensino temos, ainda dentro dessa moderna orientação, o critério de esgotar a matéria até meados de setembro, deixando dois meses para uma revisão total dela, considerada sob vários aspectos, discutindo e levantando problemas que são esclarecidos em sessões de seminários entre alunos e o corpo docente. São realizadas, ainda, sessões de conferências sôbre ciência básica.

O Instituto vem utilizando testes e questionários como métodos de aferição dos conhecimentos adquiridos pelos alunos, apesar de se valorizar mais o último contato com o aluno no exame final.

— E quanto à pesquisa?

— A pesquisa é um setor que temos procurado desenvolver pois o professor que não pesquisa nada mais é que um mero repetidor de cousas que os outros fazem. Com essa finalidade, temos interessado não só o corpo docente da Cadeira, como também colegas de outros institutos, para o estudo de assuntos interessáveis em trabalhos de colaboração. Além disso, o próprio estudante é solicitado a realizar trabalhos com o objetivo de dar-lhe uma visão real sôbre a maneira de valorizar as afirmações contidas nos textos didáticos.

O trabalho em regime de dedicação exclusiva possibilita-nos esta tarefa. O Instituto publica uma revista anual, "Arquivos do Instituto de Anatomia", que contém os trabalhos por nós realizados. Em dois anos foram realizados 16 trabalhos. Atualmente, estão em andamento mais 12 trabalhos que deverão ser apresentados ao III Congresso Brasileiro de Anatomia, a ser realizado em fins de outubro do corrente ano em Pôrto Alegre nas dependências de nosso Instituto. Estamos, agora, vivendo assuntos relacionados com o estudo anátomo-clínico da circula-



1 — Cubas pequenas para depósito de cadáveres; 2 — Cuba grande; 3 — Sala de preparação e conservação de cadáveres; 4 — Sala de dissecação; 5 — Frigorífico; 6 — Sala dos motores do refrigerador 7 — Sala de dissecação; 8 — Vestiário dos alunos; 9 — Laboratório; 10 — Raios ; 11 — Câmara escura; 12 — Histologia; 13 — Fotografia; 14 — Sala de Neuroanatomia;; 15 — Museu; 16 — Corredor Central; 17 — Secretaria e fichário; 18 — Biblioteca; 19 — Gabinete do Diretor; 20 — Anfiteatro; 21 — W.C.; 22 — Benheiro; 23 — Almoxarifado; 24 — Vestíbulo; 25 — Gabinetes para os Assistentes.

Biblioteca
FAMED/HCPA

ção coronária e circulação colateral bronco-pulmonar.

ORGANOGRAMA

De acôrdo com os novos conceitos, fundamentalmente, o I. A. está estruturado consoante o organograma publicado como ilustração desta reportagem.

DESCRIÇÃO DAS INSTALAÇÕES

O Instituto de Anatomia funciona numa área que está distribuida como mostra a planta-baixa que publicamos anexa. Como se pode ver, acompanhando a distribuição das diversas salas, possui o I. A. uma câmara frigorífica para 40 cadáveres, e uma sala onde está situada uma grande cuba para 20 cadáveres. A câmara frigorífica e a referida cuba são à base dos métodos modernos de conservação do material adotado pelo Instituto. Possui duas grandes salas de dissecção para os trabalhos práticos dos alunos, com 20 mesas de aço inoxidável e uma cuba em cada sala para receber e guardar o material em trabalho.

Em cada mesa trabalha uma equipe de cinco alunos. Possui o Instiuto um vestiário com 160 armários individuais, que são alugados por Cr$ 200,00 cada aos alunos, revertendo o produto obtido em benefício da caixa do Instituto.

O anfiteatro tem capacidade para 140 alunos confortàvelmente instalados, possuindo dois exaustores para renovação permanente de ar, e todos os meios necessários para ilustração de aulas magistrais, desde o negatoscópio para Anatomia Radiológica, quadros murais, até o quadro negro, sendo o contrôle das projeções realizadas pelo próprio operador.

O que até aqui descrevemos relaciona-se com a área destinada ao corpo discente, área esta correspondente à metade do Instiuto.

Para o corpo docente existe um grande laboratório destinado aos seus trabalhos de pesquisa e de preparação de peças anatômicas, com todo o material necessário inclusive uma serra fita elétrica para a feitura de cortes para Anatomia seccional, hoje de grande valor para o ensino, como assinalamos acima. Contiguo a êste laboratório existe uma sala onde está instalado um aparêlho de Raio X com a potência de 200 mil ampêres, utilizado para a pesquisa e para o ensino, e ainda uma aparelhagem completa de reprodução e ampliação fotográfica para micro e macrofotografias.

A NOVA ÁREA RECEBIDA

Na área recebida em consequência da mudança das instalações da Faculdade de Farmácia para um edifício recentemente construido, foram instalados dois laboratórios: um para Histologia e Embriologia e outro para Neuroanatomia. Estão dotados de instrumentos necessários, entre os quais destacamos um micrótomo universal, tanto para cortes de congelação, parafina ou celoidina.

Para a secção de Neuroanatomia foi contratado recentemente pela Faculdade o Prof. Paolo Contu, vindo do Istituto de Bolonha, autoridade universal, principalmente em estudos em glia.

Adjacente a êstes dois laboratórios está localizado uma grande sala destinada ao Museu do Instituto, que estará dia e noite aberto aos alunos e pessoas interessadas, dentro do moderno conceito do papel funcional dos museus. As peças expostas no referido museu foram executadas de acôrdo com os métodos modernos de técnica de preparação anatômica, principalmente inclusões em matéria plástica, moldes por corrosão, peças diafanizadas e chapas radiográficas.

Nessa parte nova, além disso, uma das amplas salas foi dividida em três gabinetes individuais para assistentes, um grande depósito de material e um grande vestíbulo para recepção às pessoas eb visita ao Instituto de Anatomia.

Possui o I. A., ainda, uma sala para secretaria, uma sala para biblioteca e uma sala para o diretor.

OUTRAS ATIVIDADES

Como não é possível descrever tôda as atividades do Instituto, citaremos algumas, a título de informação e complemento desta entrevista.

Em matéria de relações públicas, por exemplo, mantém a nossa instituição relações com outros institutos congêneres tanto da América como da Europa. Estamos recebendo, atualmente, uma média de dez trabalhos por semana.

Dentro de uma atividade didática ministramos ensino normal de Anatomia não só para alunos da Faculdade de Medicina como para os de Odontologia da URGS, Escola de Enfermagem da URGS e Enfermagem da Santa Casa, e ainda, Anatomia de animais de laboratório para a Faculdade de Farmácia, além de outros cursos livres de Embriologia e Radiologia Anatômicas.

Poderíamos acrescentar mais um grande número de palestras e conferências realizadas por membros do Instituto para instituições culturais diversas.

A secretaria possui anexo um bem organizado fichário de alunos, assim um serviço de fichário de diapositivos.

Recebemos de outras faculdades docentes que vem estagiar em nosso serviço para o perfeiçoamento de Anatomia.

Finalizando, conclui o Prof. Tauphick Saadi, aproveitamos a oportunidade que nos concede "O Bisturi" para agradecer de público o efetivo auxílio que a Fundação Rockfeller presta à nossa instituição.

Vista parcial do Laboratório, local das aulas práticas.

Gauchos nos XIV Jogos Universitários

De 29 de agôsto a 7 de setembro tiveram seu desenrolar, na moderna e linda capital mineira, Belo-Horizonte, os XIV Jogos Universitários Brasileiros. Nós, gaúchos, já conhecemos bem de perto o que significa a realização de um certame de tal envergadura, pois, há dois anos, em 1956, foram os mesmos realizados em nossa capital. Foram 10 dias de plena cordialidade, grangeando-se novas amizades ,aumentando nossos cabedais de conhecimentos e enriquecendo nosso "caderno de turismo". A reunião de universitários, de 2 em 2 anos, por tais jogos, traz benefícios à classe que somente participando ativamente dêles é que podemos avaliar. Idéias e realizações surgem aos borbulhões, se bem que algumas não de envergadura e proveito imediato, porém serão de aplicação para futuras classes. Como em tôdas as façanhas de real monta, vamos encontrar figuras aos milhares, que vão desde o espectador até o mais alto mandatário. Chega-se a ver indivíduos que vão a extremos de seu desgaste orgânico para poder, em dia, ter suas funções completadas. Verdadeiros heróis aparecem. Todavia há os de boa figura, de estampa para capa de magazine que apenas perturbam (só servem para bibelôs). Êstes, entretanto, são em bom número que distante castigam os trabalhos dos abnegados. Êste comentário serve desde a cada delegação em particular até à própria C.B.D.U. Mas tôdas as dificuldades, como sempre acontece, felizmente, foram vencidas às vésperas do certame e pode êle ser realizado em boas condições. Viu-se, de certo modo, uma falta de união organizadora por parte da F.U.M.E. (Federação Mineira Universitária de Esportes) e C.B.D.U. Em determinados assuntos verificava-se um jôgo de empurra sôbre as realizações não felizes e suas consequências. Contudo, o brasileiro é um povo pacífico, manhoso e cordato e com êstes predicados souberam, as delegações, solver os problemas que F.U.M.E. e C.B.D.U. não se arriscavam a desembaraçar.

Após dois meses de treinos aquí em nossa capital, delinearam-se as equipes que iriam participar dos XIV J.U.B. A escolha dos atletas foi árdua. Temos bons valores. Uns sobraram mas souberam dar seu apôio e incentivo nos treinos eliminatórios e como bons colegas, alguns, foram dar seu amplexo e votos de felicidades na hora do embarque. Bonito gesto dos universitários gaúchos. Nossa turma viajou fracionada. A primeira foi no dia 28, a segunda no dia 29 e aos poucos, nos demais dias, êles lá iam chegando... Os que foram abrilhantar os jogos, dar seu esfôrço em defesa de seu estado foram a 28 e 29 de agôsto. Depois chegaram os "cartolas", os quais merecem uma ressalva bem vistosa. Calculo em 120 elementos nossa delegação. Sendo assim, em número, só nos deixamos passar por São Paulo. Atletas eram 70-80, no máximo, e o restante eram "colaboradores". As viagens foram pela Cia. do Lóide Aéreo e foram cheias de aventuras. Vejamos: eramos para sair do Aeroporto Salgado Filho às 6 horas, saimos às 7, viajamos em um Shymarta que por nós passou a ser conhecido por "Cai-Mais". Já tínhamos uma hora e vinte de vôo, portanto, em ares de Santa Catarina, quando um dos quatro motores cristalizou. Regressamos à capital gaúcha por ordens superiores da Cia. Loide Aéreo. Chegamos às 10,00 horas e só mente às 15,00 horas levantamos vôo. Fizemos escala no Rio e às 0,12 hs. do dia seguinte chegamos na terra do Sr. JK. A viagem de retôrno foi nos moldes da supra-escrita, porém, nesta viajamos em um Douglas DC.3, cognominado por nós como o "Tijolo Voador".

Na manhã do dia 30, realizou-se o Desfile de Abertura dos XIV J.U.B. A manhã estava ensolarada e a temperatura primaveril. Era um todo panorama de escassa maravilha com que o Criador brindava os estudantes alí reunidos. E neste espetáculo de clima, saudável como poucos, transcorreram os dez dias que alí estivemos. O desfile teve seu máximo na reunião de tôdas as delegações no campo do América F.C., onde o presidente J. K. abriu, solenemente, os IV Jogos Universitários Brasileiros. Notou-se a "grande ausente" do desfile: a delegação gaúcha. E' vexatório, é riddículo que se escreva a razão porque não desfilamos, mas a verdade é que não tínhamos abrigos. Cada um levava o de sua faculdade. Parecia um baile burlesco. Por esta razão resolvemos acertadamente não desfilar. Alegamos ter chegado àquela madrugada e à tarde já teríamos jôgo, porisso ficaríamos descansando! Eis a realidade, a delegação do Rio Grande do Sul, patrocinadora dos XIII Jogos Universitários Brasileiros, uma das maiores potências universitárias, estado que dá vultos de renomes internacionais em todos os campos da vida hodierna, não tinha uniforme para desfilar. E' vergonhoso. Mais estranho ainda foi que, antes do embarque dos atletas, eram cobrados dêstes uma quantia de 300,00 cruzeiros, como "quota sacrifício" para poder pagar as despesas de viagem!!! No entanto, cada dia que passava, chegavam mais e mais "colaboradores" das mais diversas funções... que viajavam em Convair, Super-Constellation e... cujas passagens são de doze mil cruzeiros. Diga-se que o Loide cobrou cinco mil e quinhentos cruzeiros para os 70-80 atletas que por ela viajaram. De onde saiu o dinheiro para as passagens dos "colaboradores"? Ainda tem mais! Os ditos dirigentes da delegação não ficaram alojados conosco. Foram para hotéis no centro da cidade, por conta de quem?? Foram atitudes que a todos nós, "ativos" participantes da Olimpíada revoltaram-nos. Indignamo-nos com a burocracia "cartolífera" da F.U.G.E. Para salvarguardar a honra tivemos sempre conosco os diretores de futebol, basquete e atletismo, autênticos mentores do puro esporte. Êles sabem o quanto colheram de nossa estima. Houve um "colaborador" que não satisfeito com a sua ida, levou sua noiva e como esta não podia viajar sòzinha levou uma amiga sua... E nunca tive o prazer de ver uma vez siquer alguns dêstes moços a aplaudir e incentivar nossos atletas. O que faziam? Não sei. Nós atletas muitas vêzes, aqui também culpo a F.U.M.E., não sabíamos o local das disputas. O volei, certa noite, percorreu três estádios, para no quarto, finalmente, acertar aquele em que iriam jogar. Êste foi o saldo contra a nossa delegação, foi o lado mau da história. Para as futuras olimpíadas, queiram nosso dirigentes agir com mais coleguismo e com mais honestidade.

Nossas equipes de basquete, volei feminino e masculino, futebol, xadrez, vela, esgrima (florete e sabre) e atletismo foram com o que de melhor temos no momento. Tínhamos grandes chances de sagrarmo-nos campeões em esgrima e futebol. Na primeira soubemos concretizar nosso favoritismo e vencemos de maneira categórica no esporte da esgrima. No futebol, em que residiam grandes esperanças, deu-se uma catástofre. Perdemos para equipes muito mais modestas em técnica e em preparo físico. Baqueamos para a Bahia, Paraná e Minas Gerais e vencemos por W. O. a equipe de Santa Catarina.

Em nenhuma das partidas fomos mal. Jogamos sempre melhor que nossos antagonistas, porém, juiz, bandeirinhas e a inesquecível sorte, sempre nos foi madrasta. Eramos chamados de "os professores de futebol", no entanto, não ganhamos de ninguém. A torcida mesmo contra os donos da casa, nunca nos deixou de entusiasmar. Gostavam de nos ver jogar. As pelejas de futebol foram tôdas televisionadas. A noite era novamente passado (filme) o jôgo daquela tarde. Por êste meio podíamos ver os êrros e corrigí-los, na medida do possível, nos próximos compromissos. Reporto-me para o ano de 1956, no campo do E. C. Renner, jogavamos contra Minas Gerais, houve aquela barbaridade, qual seja, levar bola, goleiro e demais jogadores para dentro da goleira e o juiz deu golo. Pois bem, êste ano foi a vez dêles. Deram um penalti inexistente e que deu o paclar de 1 a 0, a favor dêles. Os cépticos dizem que fomos sofrer o castigo. Mas nem por isso tiro o valor das demais equipes. São compostas de bons elementos, cavalheiros que praticam o esporte bretão. Aliás, quero tornar claro que nas finais em que o Rio Grande do Sul tomou parte, no futebol não houve um senão, por mínimo que fôsse. A disciplina foi exemplar. No basquete tiramos um quarto lugar, estando o Distrito Federal, Minas e S. Paulo ocupando o terceiro, segundo e primeiro lugar respectivamente. Aqui também fomos castigados por um árbitro na disputa com a equipe do Distrito Federal. Merecíamos ganhar por um ponto, mas um dos juizes anulou a cesta, isto sem justificativa, sendo que ela nos daria a vitória no derradeiro segundo. A revolta dos assistentes foi tão grande que invadiram a quadra para agredir tal árbrito, mas a nossa própria equipe de basquete o protegeu. Mais um exemplo de disciplina dado pelos gaúchos. No volei masculino e feminino também tiramos quarto lugar, perdendo para os mesmos estados que no basquete, porém não na mesma ordem. Saliento que a equipe de basquete de São Paulo dava "shows". Era constituida por três dos cinco elementos do time titular nacional. Foram campeões com relativa facilidade. No esporte da esgrima somos campeões brasileiros. Vencemos no final ao Distrito Federal, tanto em florete como em sabre. Em vela nos colocamos em segundo lugar, ocupando S. Paulo a primeira colocação. Esta competição foi realizada na Lagoa dos Inglêses, local de rara beleza e motivo de turismo. Deveria ser na de Pampulha, mas esta ainda não tem suas águas no nível exigido, devido, há quatro anos, ter rompido uma brecha na represa. Hoje está recomposto, esperando que a mãe natureza aumente seu volume de água. No xadrez, nas eliminatórias, fomos vencidos pelos pernambucanos. O tenis teve bonita representação, colocando-se em segundo lugar para o Paraná que aliás é o campeão nacional, classe adulto. Natação, tenis de mesa, não nos fizemos representar. No dia 7, à noite, houve o baile de encerramento dos XIV J. U. B., na séde do Centro Estudantil, quando se elegeu a rainha dos jogos. Desfilaram onze beldades. Venceu, com méritos, a representante de Pernambuco. Foi uma vitória merecida. Os gaúchos sonhavam com êste título.

(Cont. na pág. 12)

Gauchos,etc.

(Cont. da pág. 11)

Caros amigos, aqui vos relatei suscintamente a XIV Olimpíada Universitária Brasileira. Falarei um pouco sôbre a cidade e o povo que nos acolheu. Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, é cidade menos que nossa capital. E' mais nova, tem 68 anos. Suas construções são de alta e moderna arquitetura, seu urbanismo foi e é estudado com as diretrizes da época. E' cidade que se classifica de artificial. Cidade rica em amplas e extensas avenidas, dentre as quais destaca-se a Getúlio Vargas (18.400 mts). Como principais atrações turísticas temos: o Museu Histórico, que é o único prédio que resta do antigo arraial do "Curral del Rey"; a Igreja de S. Francisco de Assis que outra não é senão a famosa igreja de Pampulha, obra de Ooscar Niemeyer Filho com pinturas de Portinari, ainda não concluida e não consagrada. E' um lástima que isto aconteça. A praça de esportes do Minas Tenis Clube, é comparável ao de nosso Leopoldina Juvenil, porém, é acessível e democrata. Alí encontramos um serviço médico e de massagens que faz inveja a muitos clubles famosos. Serviços de hidroterapia, radioscopia... é uma grande organização; Feira Permanente de Amostras, exposição permanente de amostras de matéria prima e produtos da terra mineira; Praças: da Liberdade e Raul Soares; Jardim Zoo-Botânico, pode-se muito bem passar um dia visitando, é pouco menor que o do Distrito Federal. E' um belo passeio; Museu de Arte no prédio do antigo Cassino de Pampulha; Casa do Baile, em Pampulha; Ilha dos Amores, em Pampulha, e muitos outros recantos que nos oferece a moderna Belo-Horizonte. Seu povo é simples e essencialmente desportista, o que também contribui é seu notável clima e apôio do govêrno aos esportes. Ficamos na posição de "jeca" perante êles quanto às facilidades que encontram para praticar esporte. Seus clubes são completíssimos e cômodas são suas mensalidades e jóias para ingresso. E nós o que temos? Nada. Somos uns heróis que do mínimo fizemos tudo. E aqui vai meu comentário para o esporte-base (atletismo). Ficamos em segundo lugar no total de pontos, perdendo para São Paulo. Somos campeões de salto em altura, em distância, revezamentos acadêmico, quatrocentos metros razos, pentatlo e tínhamos apenas "sete elementos". Foram uns "gatos de mil fôlegos". Cada atleta concorria a mais de três, alguns cinco provas. A delegação de São Paulo, como a de Minas, tinha suplentes para cada prova. Meus parabéns, sinceras congratulações aos defensores dêste esporte, e nós da Medicina contribuimos com dois valores exponenciais para êste magnífico feito no esporte base.

Ficou deliberado que a XV Olimpíada Universitária será em Recife, no ano de 1960. Notável para nós gaúchos, era ouvir de tôdas as delegações que estiveram presentes em Belo Horizonte, a opinião favorável sôbre a olimpíada de 56, realizada em Pôrto Alegre. Era invocada a beleza da cidade, a hospitalidade do povo, a organização sem precedentes e que até agora nenhuma se aproximou, a perfeita ordem e sistematização dos jogos. Foi aquela a melhor olimpíada que os universitários brasileiros realizaram. Bem, amigos, aqui despede-se o redator e atleta dos quatro que a Medicina do Rio Grande do Sul contribuiu para os XIV Jogos Universitários Brasileiros.

Até 1960, em Recife.

Pesquisa Vocacional

(Cont. da pág. 6)

18 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque desta maneira poderei auxiliar a minha família.

19 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque todos aconselham aos meus pais que a profissão de ..... é muito boa.

20 — Pretendo cursar a oficina de ..... embora para mim seja indiferente cursar uma outra qualquer.

21 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque acho o trabalho de ..... muito atraente.

22 — Gostaria de ser ..... porque desejo receber um bom salário.

23 — Pretendo me especializar na oficina de ..... porque assim contribuirei para o progresso do país.

24 — Pretendo cursar a oficina de ..... para satisfazer a vontade de meus pais.

25 — Pretendo cursar a oficina de ..... porque há pessoas que acham boa a profissão.

NOME: .....

IDADE: ..... TURMA: .....

Resultados obtidos após a aplicação da forma experimental do questionário:

1 — O Questionário Profissional foi aplicado a 94 alunos de 1.ª série do Curso Industrial da Escola Técnica Parobé. Dêste número 28 alunos não tiveram suas respostas computadas por não terem seguido às instruções prévias. Os dados que se seguem referem-se portanto a um total de 66 alunos.

2 — Distribuição dos 66 alunos segundo as suas motivações (Diagnóstico Qualitativo):

RV	17
RE	15
RS	7
RSG	5
RPM	0
RV = RE	4
RV = RS	2
RV = RSG	1
RV = RPM	1
RE = RSA	6
RE = RPM	2
RE = RS	1
RV = RE = RSG	3
RV = RE = RS = RSG = RPM	1
TOTAL	66

a — Correlação entre o grau de convicção vocacional e as notas de oficinas, atribuidas durante o rodízio:

CVB....	Nota igual ou superior a 70	14 alunos (53,8%)
CVB....	Nota de 40 a 60	6 alunos (23%)
CVB....	Nota abaixo de 40	6 alunos (23%)
CVR....	Nota igual ou superior a 70	10 alunos 41,6%)
CVR....	Nota de 40 a 6o	8 alunos (33,3%)
CVR....	Nota abaixo de 40	6 alunos) (25%)
CVP....	Nota igual ou superior a 70	4 alunos 28,5%)
CVP....	Nota de 40 a 60	6 alunos (42,5%)
CVP....	Nota abaixo de 40	7 alunos (28,5%)

b — Correlação entre o grau de convicção vocacional e a classificação efetuada, por oficina, com fins de seleção:

CVB....	Classificação até o 25º lugar	8 alunos (30,7%)
CVB....	Classificação após o 25.º lugar	18 alunos (69,3%)
CVR....	Classificação até o 25º lugar.....	3 alunos 12,5%)
CVR....	Classificação após o 25.º lugar	21 alunos 87,5%)
CVP....	Classificação até o 25.º lugar	2 alunos (14,3%)

c — Correlação entre o grau de convicção vocacional e os percentis específicos, por oficina, dos testes psicométricos aplicados:

CVB....	Percentil igual ou superior a 70	8 alunos (30,7%)
CVB....	Percentil de 40 a 60 ..	14 alunos (53,8%)
CVB....	Percentil abaixo de 40 ..	4 alunos (15,3%)
CVR....	Percentil igual ou superior a 70	3 alunos (12,5%)
CVR....	Percentil de 40 a 60 ..	12 alunos (50%)
CVR....	Percentil abaixo de 40 ..	9 alunos (37,5%)
CVP....	Percentil igual ou superior a 70	1 aluno (7,2%)
CVP....	Percentil de 40 a 60 ..	7 alunos (50%)
CVP....	Percentil abaixo de 40 ..	6 alunos (42,8%)

3 — CONCLUSÕES:

a — Os resultados obtidos após a aplicação do Questionário Vocacional, pela ordem de distribuição dos 66 alunos segundo as suas motivações (Diagnóstico Qualitativo), confirmam o acêrto da hierarquia das modalidades de motivações bem como dos seus respectivos pesos, estabelecidos a priori.

b — O Questionário Vocacional, com naturais modificações no modêlo standard, poderia ser instrumento útil na avaliação imediata das motivações dos candidatos ao vestibular da nossa Faculdade.

Colegas:

Compareçam às assembléias dos representantes!

Ainda o paraquedismo

José Carlos VASQUES

Chamou-me a atenção ao ler o Bisturi anterior, um artigo assinado por Tiago Louzada e intitulado "O Paraquedismo". Chamou-me a atenção, digo, por ser eu um dos que se colocam ao lado daqueles que combatem ferrenhamente êste modo indecente e vergonhoso de entrada em nossa Faculdade.

Escrever um artigo contra o paraquedismo, não foi o intuito que me levou até a publicação dêste, por ser assunto já por demais debatido e comentado; não foi também o desejo de abrir polêmica, pois creio que devam ser respeitadas as opiniões e o modo de pensar de todos.

Desejo apenas comentar e se possível criticar o mencionado artigo, pois entendo que o mesmo tenha sido falho e impreciso, chegando inclusive a confundir coisas completamente diversas, tais como: Paraquedismo, transferências e convênios culturais.

Inicialmente, com respeito ao paralelo traçado entre duas famílias que as circunstâncias obrigaram a separar-se, e as Faculdades de Medicina de Pôrto Alegre e Santa Maria, devo dizer que achei-o fraco, para não chamá-lo de pueril. Sim, pois creio que assim deva se pensar com respeito a tal argumento, que foi o do "Paraquedista vir para junto dos seus familiares".

Melhor seria que o "filho pródigo paraquedista", ao invés de arrepender-e tardiamente da separação familiar, não fosse estudar em outras faculdades distantes da família.

Suponhamos, entretanto, que nós levados pelo sentimentalismo da separação familiar, consentíssemos na vinda de "Paraqueda". Seria o mesmo que abrir as portas da faculdade, para todos os alunos de medicina que estudam em faculdades diversas, tais como: Santa Maria, Paraná, Buenos Aires, Perú, etc. e cujas famílias residem em Pôrto Alegre, pois o que é feito para um deve ser feito para todos, e não apenas para os que conseguem armar-se de pistolões e padrinhos poderosos.

Creio também que 60% dos alunos de nossa faculdade, pelo menos, são do interior do Estado, e acho que não seria nada interessante se êles resolvessem deixar de estudar para voltar ao lar. Ou também, bastante imaginativo seria, fazermos escolinhas de medicina por todos os municípios do interior, evitando assim o desmembramento familiar.

A seguir continua-se o artigo, por algumas perguntas, que a meu ver vem demonstrar a fraca compreensão no assunto.

Tais perguntas foram formuladas mais ou menos da seguinte maneira:

— Por que não queremos que alunos de Santa Maria sejam transferidos para Pôrto Alegre?

— Por que trazermos a desunião, se mais tarde seremos todos companheiros de lutas pela vida?

Infelizmente, devo comentar, que tais perguntas não deveriam figurar em tal artigo, pois o mesmo intitula-se "O Paraquedismo" e tais perguntas são relativas a transferências, coisas completamente diversas.

Respondendo, devo dizer, que não opomos a que alunos de Santa Maria, como de qualquer outra faculdade sejam transferidos para nossa. Não nos opomos e tais transferidos, são bem recebidos e mesmo incluídos nos quadros sociais de nosso Centro Acadêmico.

O que nós nos opomos é ao modo vergonhoso e abjeto de outras faculdades servirem de de trampolim para a entrada de indivíduos, que tiveram suas pretenções barradas em nossos vestibulares. A isso é que nos opomos e nos oporemos sempre, sob pena de estarmos aquiescendo a tão sórdidas iniciativas.

Desejo dizer ainda, que ao fazermos isto, nós absolutamente estamos fazendo a desunião, mas bem ao contrário, estamos unindo de um mesmo lado todos aquêles que lutam contra a desonestidade e a exploração.

Desunião faríamos se recebessemos de braços abertos, indivíduos reprovados em nossos vestibulares, e que por meios escusos conseguem o intento de que não foram capazes, quando lutavam pelos próprios meios ou seja a prestação de exames no concurso de habilitação.

Desunião faríamos ainda, se dessemos ao paraquedista os mesmos direitos que aos colegas que fazem vestibular 2, 3 ou mais vêzes, e que preferem perder anos após anos, do que buscar outras armas, que não as da própria inteligência e vontade de vencer por si, as dificuldades que lhes são interpostas.

Mais do que nobre por certo é o caso de um aluno de nossa faculdade, que depois de cursar um ano na faculdade de Santa Maria, e ser aprovado para o segundo ano, cursa o primeiro de nossa faculdade, tendo entrado no último vestibular, em vez de procurar os deprimentes pistolões do paraquedismo.

Finalmente fez menção, o artigo, aos bolsistas estrangeiros. Novamente e desta vez mais grave é a confusão feita entre o paraquedismo e o convênio cultural.

E' o convênio cultural assinado entre nosso govêrno e o govêrno dos demais países da América Latina, um meio legalíssimo de entrada em nossas faculdades.

Tem sido tais bolsistas recebidos por nós com a maior cordialidade, como o serão todos os que por meios legais e claros entram em nossa faculdade.

Felizmente para nós, com o preenchimento de tôdas as vagas, por meio do vestibular, o paraquedismo que já vinha agonizando, morreu por completo, para gaúdio de todos os professôres e alunos que sempre souberam lutar em prol do direito e da justiça.

ENTRE AS AULAS E AS ENFERMARIAS

E'sabido que no estudo da medicina não basta saber-se a teoria sem os conhecimentos da prática; é sabido que de nada valem os médicos de gabinetes e os especialistas de enfermaria, quando, na vida cotidiana, não se complementam na convergência de suas inteligências ao compreenderem que nada são, como individualidades médicas.

E isto porque todo médico deve saber que os fundamentos de sua carreira estão na dependência dos seus conhecimentos da "prática da teoria" e nos seus estudos da "teoria da prática", sem o que, verdadeiramente, não vale absolutamente nada...

Mas eis que em nosso meio, quando acumulamos pelas manhãs a maior parte das aulas teóricas e o funcionamento da maioria das enfermarias, o que mais conseguimos é ser práticos ou teóricos, mas jamais as duas cousas juntas!

Ao aluno da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre cabe unicamente escolher: ou ir às aulas, ou ir às enfermarias, ou correr nos intervalos das aulas até às enfermarias para concluir o exame ou a anamnese deixados na véspera...

E nisto não cabe censura: qualquer guri de ginásio pode informar que não é possível tocar flauta e assobiar ao mesmo tempo, apesar de, a muitos e muitos anos, virem os professôres de nossa escola (com raras exceções) tentando nos obrigar a tal malabarismo...

Agora porém parece que surge uma nova solução para êste problema com a mudança do antigo currículo; já em 1961 a primeira turma de doutorandos terá um ano de aprendizado prático, semelhante ao que precisamente se verifica em São Paulo, para sedimentação e vivência de todos os ensinamentos aprendidos no longo curso das teorias...

Assim, nós que não tivemos esta sorte, congratulamo-nos com todos aqueles que depois de nós se iniciaram na prática da medicina, pois já não existirão as canseiras e as correrias, as preocupações e os obstáculos que vimos enfrentando na prática os conhecimentos da literatura...

Eis portanto a finalidade de nosso bilhete — aconselhar aos novatos que esperem pela prática que deverá vir com o ano de doutoramento já que as tentativas de ir às aulas e às enfermarias, bem o sabemos nós, não tem cabimento algum.

O melhor é fazer uma cousa; fazer uma cousa mas fazê-la bem feita. O melhor é assistir às aulas e ter fé no futuro, já que sem elas, parece-me que não formamos médicos mas oficiais de uma oficina mecânica...

por IUGAS

A FUGE não andou bem em B. Horizonte

Duas medalhas conquistou Sílvio Drebs (Revezamento Acadêmico e Revezamento 4x400) — Os diretores da FUGE deixaram o alojamento dos atletas por falta de confôrto e mudaram-se para o centro da cidade — Como sempre os "cartolas" e "turistas" foram numerosos — "Vocês fizeram o mesmo em Pôrto Alegre" — Detalhes do XIV Universitário Brasileiro

Conforme é do conhecimento de todos realizou-se no período de 30 de agôsto a 7 de setembro em Belo Horizonte, o XIV Campeonato Brasileiro Universitário. Integraram a caravana da Federação Universitária Gaúcha de Esportes (FUGE), os colegas Sílvio Drebs, Fernando Monteiro de Freitas e Milton Morais.

Para que possamos sentir mais de perto o que foi o XIV Universitário, entrevistamos o colega Sílvio Drebs, representante do atletismo gaúcho e valor de destaque do bicampeão estadual de atletismo, o Grêmio Pôrto Alegrense. Sílvio conquistou a medalha de ouro no Revezamento Acadêmico, prova esta em que nossa Faculdade é campeã metropolitana e a medalha de prata no Revezamento 4x400 metros.

A equipe da FUGE nesta duas provas esteve assim constituida:

Revezamento Acadêmico: Piero Laghi (Farmácia), Hailé Kaufmann (Economia) Karl Kopittke (Odontologia) e Sílvio Drebs (Medicina)

4x400 metros: Alfredo Kauer (Engenharia), Hailé Kaufmann (Economia), Karl Kopittke (Odontologia) e Sílvio Drebs (Medicina)

"A FUGE ESTEVE ACÉFALA EM MINAS GERAIS"

Conversamos demoradamente e formulamos uma série de perguntas ao nosso entrevistado. Suas respostas foram claras e precisas.

Nossa primeira pergunta foi a seguinte:

1) Que achou da organização geral do certame?

Para que se tenha uma idéia melhor desdobrarei está pergunta em duas partes: organização quanto aos jogos, que poderíamos dizer ótima e quanto alojamento, incluindo alimentação e transporte, na qual os elementos da Federação Mineira (FUME) não foram felizes. Aliás, elementos de outros estados nos afirmavam a todo momento: "Vocês gaúchos fizeram a melhor festa esportiva universitária até hoje realizada". Eis um setor, no qual a FUME não foi feliz: o transporte (Convém dizer que o alojamento — Hospital Júlia Kubitscheck — esteve bom). Estávamos a vinte e dois quilômetros de Belo Horizonte, e lá não aconteceu como aquí em Pôrto Alegre onde cada delegação tinha a disposição um ônibus. Para se conseguir condução até o centro era uma luta...

2) Qual o tratamento recebido pelos gaúchos por parte do povo mineiro?

Embora os gaúchos não possuissem uniformes, nem flâmulas de lapela que os identificassem, diziam nos reconhecerem pela dicção (somos os únicos brasileiros que não "cantamos" e, através do intercâmbio, estivemos num plano superior, isto é, não só por parte do povo mineiro, como também por parte dos elementos das demais delegações.

3) A parte social do certame esteve bem organizada?

Sim. Tôdas as noites havia reunião dançante no Esqueleto (Esqueleto de concreto da Biblioteca) e no final do certame foi realizado o Baile de Encerramento, que esteve ótimo.

4) Como transcorreram os jogos?

Os jogos transcorreram em perfeita ordem, num ótimo intercâmbio. Quanto aos incidentes, cito o que houve entre paulistas e paranaenses, em futebol. Foi coisa pequena, porém, por influência dos jornais paulistas os jornais gaúchos estamparam fotos e mais fotos. Os próprios jornais de Belo Horizonte desconheceram o assunto. Êste foi o único incidente havido.

5) Como achou o desempenho da delegação gaúcha?

Desdobrarei em três ítens esta pergunta. Primeiro: Desempenho dos atletas. Os atletas fizeram o possível e apesar da sorte não nos ter auxiliado nos colocamos muito bem. Todos perguntam, por exemplo, porque o futebol não se colocou melhor. Foi azar, puramente azar. Jogamos um futebol "fino" e bonito. (Isto como comentou a própria imprensa de Belo Horizonte.) Aliás, uma passagem interessante aconteceu no jôgo decisivo em que fomos derrotados por Minas Gerais, por um a zero, tento fruto de um penalti inexistente. Quando os nossos reclamaram do juiz, êle apenas disse isto: "Vocês fizeram o mesmo em Pôrto Alegre".

O segundo ítem seria: Desempenho da diretoria da FUGE. A Federação Gaúcha esteve acéfala. Os diretores e presidentes foram perfeitos turistas. Inclusive, achando o alojamento sem confôrto, mudaram-se para o centro da cidade. Repito: achando o alojamento sem confôrto. Convém dizer que o Representante do Ministro da Educação, Dr. Estelita, permaneceu durante todo o período de realização dos jogos em nosso alojamento.

O terceiro item seria: desempenho dos "cartolas". Eram êles bastante numerosos e seu "desempenho" dispensa comentários.

6) Poderia o colega dizer porque a delegação gaúcha foi a única que não desfilou na abertura dos jogos?

A delegação Gaúcha não desfilou por falta de uniformes (abrigos). Não iríamos nos expôr ao redículo desfilando com nossos trajes de passeio, enquanto que os outros estados desfilavam com uniformes impecáveis. Isto, aliás, foi outra grande falta, das muitas, da Federação Universitária Gaúcha de Esportes.

Terminando, perguntamos ao colega o que achou de Belo Horizonte, de seu clima e de seu povo.

Respondeu-nos assim.

A cidade é muito bonita e com um ótimo traçado de ruas. Pràticamente não há casas velhas. O clima, principalmente, na zona alta é ótimo. Aliás, o mineiro, diz — e gaba-se de possuir o "melhor ar do mundo".

CONHECEIS A VIDA

Geraldo GUIMARAES

A Vida é um repositório de acontecimentos "sui-generis". Realizações e sonhos, conquistas e fracassos, tudo se associa dando estranhos resultados. Qual seria a finalidade? Creio que a de causarmos a impressão de que vivemos para provar a vigência de uma Lei Natural: busca incessante do homem por um ideal.

Todo indivíduo procura encontrar na vida, uma situação que lhe permita desfrutar de segurança e felicidade.

Mas a isso se opõe uma série de cousas — percalços naturais que o impele a disputas de tôda a sorte. Todos nos defrontamos com obstáculos comuns, quando almejamos o nosso bem estar. A maneira como o enfrentamos é que o torna mais ou menos difícil. Da capacidade de cada um de nós dependerá o êxito ou o revés.

As reações diferem fundamentalmente de uma para outra pessoa, quando se trata de algo de transcedental importância, como por exemplo, um exame de habilitação para o ingresso numa Escola Superior.

Mas o que sempre acontece, principalmente para o estudante que se prepara para o vestibular, é o verdadeiro cáos que dele se apodera tanto físico como espiritual. Contudo é inegável que nos enganamos com a aparência do obstáculo. Se soubermos atacá-lo convenientemente veremos que nos parecerá acessível, não nos exigindo nada impossível de realizar.

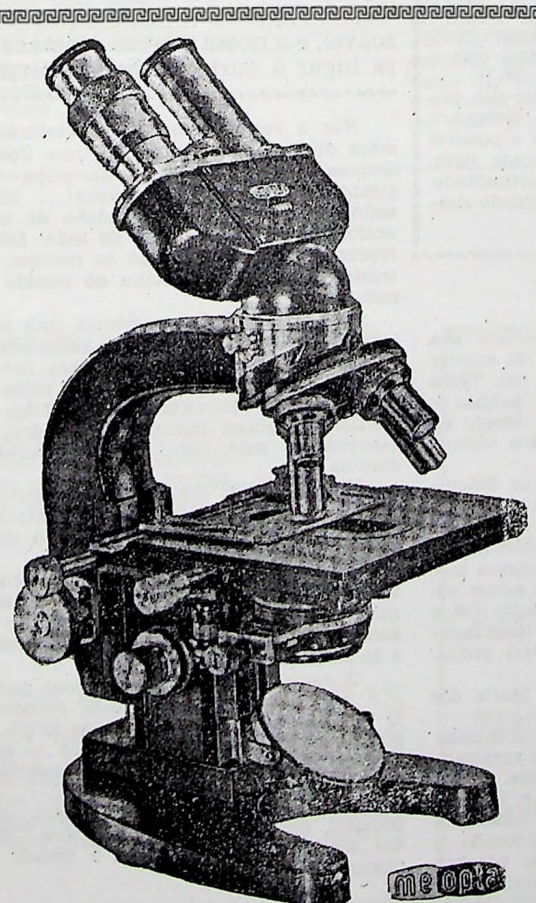
Assim aconteceu-me antes do Vestibular. Pensei que ser aprovado em exame de tal envergadura, exigiria tarefas das mais inauditas. No entanto isso não foi necessário. A aprovação veio como o resultado de um estudo consciencioso e bem preparado. Foi então que me lembrei de uma certa história, que não sei mais onde a li ou ouvi. Sei apenas que o seu significado bem poderia ser aplicado a qualquer um, como o foi para mim.

Um célebre cientista, ao ser-lhe perguntado sôbre como considerava o mundo, pois que sua vida era um orgulho não só para o seu país, como para a humanidade, contou o seguinte:

"Quando ainda menino, eu preocupava-me demasiadamente com o meu futuro. Como poderia, dentro de minha insignificância e ingenuidade, vencer a barreira que o mundo representava, para ocupar uma posição útil e honrada na sociedade. Quanto esfôrço não custaria a obtenção de um nome digno e respeitado. Dos conselhos de meus pais e professôres fui recebendo a ajuda para compreender melhor as coisas e os homens. Aos poucos fui percorrendo o caminho que me conduziu a profissão que sempre desejei...

Naquele tempo de iniciação e dúvida, a vida surgia-me como um gigante horrendo e imbatível. Parecia que tudo que eu fizesse seria inútil para vencê-lo. No entanto, o portento se foi desvanecendo a medida que eu avançava em meus estudos e trabalhos. A grande luta, pouco a pouco, transformava-se num simples encontro de duas naturezas distintas: uma real, outra ilusória. Qual não foi a minha surpresa ao verificar, no final de minha busca e labor, que a vida não passava de um velhinho alquebrado e impossibilitado de qualquer gesto que impedisse o meu triunfo na carreira que escolhí. Sua venerável figura causava-me respeito ao invés de medo, simpatia ao invés de rancor. Sim, alí estava aquêle que me havia suscitado tanto receio. Incapaz de derrotar-me, era eu que o subjugava. A perseverança havia triunfado. A imagem do terrível inimigo tinha, antes de tudo, animado-me a prosseguir no combate. Já, agora, ao colher as vantagens do meu trabalho — de tôda uma existência — reconheço que não foi fácil a vitória. Ela custou-me ingentes sacrifícios, mas os fatos trouxeram-me a verdade que eu tanto esperava — a vida deve ser enfrentada com coragem e com a certeza de que uma vez empreendida, dela teremos tudo o que quizermos".

Verifiquei que o cientista tinha razão. Não devemos fugir da responsabilidade, nem amedrontar-nos ante o primeiro grande obstáculo. O mundo nos apresenta mais possibilidades de vencermos em qualquer atividade. Devemos, apenas, aproveitar o que de útil ela nos oferece, através de dada lição que nos proporciona. E, para mim, a lição do vestibular foi das mais benéficas.



Artefatos de Farmácia e Hospitais
Raio X — Eletricidade Médica
Material para Laboratórios

Instalações Hospitalares
Instrumentos Cirúrgicos
Produtos Químicos p/A "MERCK"

IMPORTADORA MÉDICO HOSPITALAR, SUL LTDA.

Distribuidores exclusivos dos afamados microscópios e balanças analíticas

MEOPTA

Av. Alberto Bins, 302
R. Senhor dos Passos, 102
Fone 9-1528 — C. Postal, 1156

Rio Grande do Sul
Pôrto Alegre
Telegramas: Bisturi

Biblioteca FAMED/HCPA

EXCURSIONANDO À BAGÉ

A turma da A.D.A.F.M. esteve em Bagé.

"Fino" da excursão, diriam os entendidos. Realmente, sob todos os pontos de vista, foi vitoriosa. A viagem um colosso; turma alegre e divertida; viagem sem nenhum tropêço e chegada gloriosa, haja visto as surpresas que nos esperavam.

Viajamos de Minuano mas, apesar dadistância que nos separa da "Rainha da Fronteira" ser grande, não a sentimos. As passagens alegres, as paisagens encantadoras e as circunstâncias improvisadas, surgidas no decorrer da mesma, fizeram-na imperceptível e quando menos esperamos chegamos na grande Bagé. Que era realmente grande, ficamos sabendo depois, quando conhemos melhor o seu povo e ela mesmo. Acolhida cordial, que veio demonstrar, de certo modo, que o pessoal do interior está mais perto da civilização do que a gente pensa. Avisamos, no entanto, que não estamos medindo a grandeza da cidade pelo comprimento de suas ruas, nem pelo número de vidas cifradas de sua população, pois que Bagé não é uma cidade de grandes proporções, nem de grande população. Avisamos que medimos a grandeza da cidade pelo espírito de amizade, pela cordialidade, pelo entusismo da acolhida e, acima de tudo, pela compreensibilidade de sua gente- que de todos os modos souberam nos cativar. Sob êste aspecto podemos afirmar que Bagé pode ser considerada uma capital: a capital da amizade e da fraternidade estudantil.

Porém, o nosso grande objetivo, a par dos secundários que tínhamos de conhecer a cidade e do que nela existia, era, já se deixa ver, o de competir nalgumas modalidades esportivas e que serão descritas a seguir.

Também aquí, no terreno esportivo, onde ficou demonstrado que o que de fato vale na competição não é a vitória, mas o modo como se ganha ou se perde, os bagèenses mostram-se alegres e bem intencionados: souberam ganhar, como também saberiam perder. Competimos, lutamos e perdemos para os bagèenses.

Essa última afirmativa por certo há de chocar alguém, principalmente da nossa veneranda Faculdade de Medicina, haja visto nossos seguidos insucessos frente aos aguerridos atletas de Bagé. Aconteceu que não conseguimos uma vitória sequer contra êles. Chocante sim, para aquêles que não estavam lá e não viram o desenrolar das partidas, nem o ardor com que nos empenhamos na luta para trazer uma vitória para nossas côres. Só aquêle que nunca competiu e que nunca perdeu poderia sentir-se desta forma. Porém, nós que estávamos lá, que participamos das lutas e que tomamos conhecimento das dificuldades que nossos atletas tiveram para que pudessem participar de tôdas elas, nós que assistimos o desenrolar das mesmas, podemos afirmar que não houve nada realmente chocante, mas antes conspiração da sorte contra nós, coisa que deve levar em consideração em disputas esportivas. Vem ao caso para justificar, a partida de basquete e que perdemos por um ponto. Entramos em campo confiantes. Havia grandes possibilidades de vitória e contávamos a nosso favor com a grande disciplina dos atletas, disciplina esta que muitas vêzes decide partidas. Saímos na frente, chegamos ao término do primeiro tempo na frente e entramos nos três minutos finais empatados, quando, por fim, os adversários fizeram uma cesta, fruto de uma falta, tendo soado o apito final imediatamente após. O "five" da A.D.A.F.M. formou assim: Telmo, Sossó, Plínio, Ramos e Cleber.

Citamos de imediato a partida de futebol de salão, onde novamente fomos surpreendidos. Após magnífica exibição, onde inclusive fomos incentivados pela torcida local, havendo domínio territorial e técnico de nossa parte, caímos derrotados pelo escore de três tentos a um. A nossa equipe formou assim: Cleber, Macial, Sossó, Paredão, Flávio e Vasques.

Com relação às demais partidas a vitória foi inconteste, os adversários foram mais fortes. O futebol de campo terminou com o placar assinalando 5x2 e o volei 30x14.

Terminada a excursão dirigimo-nos para Pôrto Alegre rumo ao dever. Deixamos atrás gratas recordações. Faremos o possível para não esquecermos aquêle grande povo. Estaremos aguardando nova oportunidade de representar a A.D.A.F.M., esperando desta vez melhor resultado.

MARIA DOS REMENDOS

Eu diria que até aquela manhã se sentia com brios de patriota.

Era um dessas manhãs em que o sol de ouro se debruça radioso sôbre o verde das folhagens, enquanto o azul do céu a tudo contempla co msua eterna indiferença colorida, Sim, aquêle 7 de Setembro acordara com tôdas as côres nacionais.

Apressados e barulhentos, grupos de colegiais passavam impecáveis em seus uniformes de formatura. Longe, um pretencioso clarim ressoou, enquanto diversos tambores protestaram, numa algazarra barulhenta. Mas não se calaram, nem clarim, nem tambores. E a discussão sonora seguiu-se por todo o tempo do desfile. Foi então que notei-a. Pequena, de olhos sonhadores, ela marchava com imponência, mostrando claramente que no seu coração fremia o patriotismo.

Não tardou que seu vulto pequeno e branco se confundisse com outros tantos pequenos e brancos vultos que, em passos cadenciados, como se todos fôssem impulsionados por uma única mola, passavam garbosos em frente ao palanque oficial.

A banda estourou numa marcha vibrante; o político esqueceu-se das demagogias, pôs a mão sôbre o peito e descobriu sua cabeça; o rapazote teve frêmitos de morrer pela pátria; o vagabundo disse um "Viva o Brasil"; as mulheres bateram palmas e ficaram arrepiadas; um senhor idoso, de olhos postos no chão, rezou em seu íntimo, pedindo eterna paz.

Mas tudo passa, e aquêle 7 de Setembro também passou. Meu inquieto e rotineiro relógio girou muitas vêzes os seus esqueléticos ponteiros. Os dias acotovelaram-se folhinha a dentro, como se tivessem mêdo de sobrar no calendário ou de serem esquecidos por tôda a eternidade, entre um e outro dia. E num dia sem clarim, sem marchas e sem tambores, um dia real enfim, alguns meninos gritavam:

— "Maria dos Remendos!... Maria dos Remendos!..."

Aquelas vozes me fizeram contemplar uma menina pálida e magra, que recalcando tôdas as suas reações exteriores, ia sofrendo por dentro lá sabe Deus o quê!

As lágrimas apagavam dois olhos sonhadores: lentamente fui reconhecendo a menina. Sim, era a mesma garôta patriota que um dia eu vira envergando o branco uniforme que recebera no seu Grupo Escolar.

Não o vestia mais, decerto estaria nas mãos de sua mãe, recebendo uma lição de limpeza através das rugas da velha e higiênica tábua de lavar roupas!... Mesmo assim, tive a estranha sensação de que o uniforme não se ausentara de todo: fazia-se representar no rosto pálido da menina, contrastando com a côr escura do vestido todo remendado!...

Com a mesma inconsciência com que a torturavam, os meninos dela esqueceram e puzeram-se a jogar pedras contra um paciente e empertigado poste. E um vulto magro e trêmulo, aproveitando-se da folga momentânea, venceu ligeiro uma quadra,, desaparecendo pela bôca gulosa da primeira esquina.

E o seu nome, que a miséria destronara, qual seria êle? Cláudia? Inês? Ou Maria de "Alguma Coisa"? As Marias sempre são de "Alguma Coisa"!...

Pobre menina! Naqueles poucos instantes todo seu retraimento pareceu-me negar que fôra ela a garbosa uniformizada que passara frente ao político de cabeça descoberta e do palanque oficial.

O arroubo de um dia glorioso passara e a realidade veio despertá-la duramente. O uniforme branco estava sendo limpo. Em seu lugar ela vestia o remendado — aquêle vestido que era a própria bandeira da miséria em que vivia!...

Como é cruel a realidade para certas pessoas! Sim, porque para a pobre "Maria dos Remendos" nem sempre é feriado nacional!...

GILBERTO PEREIRA GOMES

DESAFIO

Aceca

Folheando o "O BISTURI" n.º 1, de 1958, deparamos encantados com os versos assinados por José Carlos Carpilovsky, que tomamos a liberdade de transcrever:

Sem Poema, para M.
Assustador apenas.
Sem olhos dentro da noite.
Sem dolorosos esforços.
Com as mãos puras para enfrentar
[o futuro
Apenas.

Santa ignorância a minhà! E que grande poeta! Isto pensamos ao concluir a leitura. Depois, conversando com colegas chegamos à conclusão de que também eram obtusos, sem o menor conhecimento do prazer estético que a poesia proporciona. Interessamo-nos e prosseguimos pesquisando. O resultado? Assustador apenas: ninguém que saibamos, entendeu a linguagem clara do poeta. Um esclarecimento: não inquirimos o próprio por não conhecê-lo. (Sabemos quem seja mas não o conhecemos).

Daí nasceu-nos a idéia de lançar um desafio a que alguém mate esta charada; e note-se, isto vale para o vate. Aguardemos pois. Dentro de alguns mêses alguém, mesmo o autor, encontrará um significado razoável, e a nossa dúvida afastada dará lugar à curiosidade satisfeita.

REDE DE MALHA

por Fernando SARAIVA

Morena bonita
da saia de chita,
pastora formosa
dos campos daquí,
se queres um dia
na rede de malha
do rancho de palha
que aos poucos ergui,
deitados juntinhos
verás que carinhos
que raras delícias
eu tenho p'ra ti...

Se queres, casamos;
teu riso, tua graça,
teu vulto que passa
sugere as carícias
que eu quero provar;
teu corpo queimado,
bonito, torneado,
(por que não dizê-lo!)
promete o desvêlo
que eu vivo a sonhar...

Dirás que é pecado;
mas vivo maguado
e não posso esconder;
teu geito, teu porte,
teus seios pequenos,
teus olhos serenos
tão lindos de ver,
se acaso cobiço
tem culpa o feitiço,
tem culpa teu corpo
e tem culpa o querer...

Melhor bem seria
se nunca passasses,
se nunca me olhasses,
tentando brincar;
na vida que eu levo
de moço tropeiro,
quem era mais livre,
guapo, altaneiro,
quem era mais forte
com pouco, com nada,
tropeando na estrada
quem foi mais feliz?

Quem foi dos vaqueanos
o mais aguerrido,
qual mais destemido
se sabes — me diz!

Se sabes que a vida
com golpes e manhas,
c'o emprezas tamanhas
eu posso enfrentar,
não sabes que agora
nas voltas da chita,
da saia bonita
que gostas de usar,
um moço tropeiro
la jaz prisioneiro
cismando venturas
que podes lhe dar...

Se sabes que choro,
que a sorte deploro,
que vivo sonhando,
tristonho, cismando,
por tudo que um dia
podemos fazer,
não temas meu sonho,
não temas a vida,
se acaso és querida
não temas em vir;
e lá no balanço
da rêde de malha,
do rancho de palha
que aos poucos ergui,
deitados juntinhos
verás que carinhos
que raras delícias
eu tenho p'ra ti...

DO DESDE O ATE' O ATE', COM TANTAS OUTRAS

Mas quando percebi que não sofria,
Na exérese final de teu encanto,
E quando descobri, com alegria,
Haver outras mulheres, tanto e tanto,

Dispostas a abrandar aquêle pranto,
A oferecer o amor que eu não pedia,
Sem mais que amor sonhar, e, no entretanto,
Amenizando o frio da noite fria

Então que procurei por tôdas elas:
Longas carícias a deixar saudade,
Afetos longos de mulheres belas...

E assim me atiro, amiga após amiga,
Na ânsia da incontida liberdade
De desfrutar, sorrindo, o que consiga!

José Carlos Carpilovsky

AO CADAVER

S. Constant

Deitado sôbre a mesa, deformado
Jaz um corpo que dormita em sono seu;
E' de um homem mísero — coitado! —
Que um dia teve vida como eu.

Olhos arregalados, pele macilenta,
Calado, parece contemplar o infinito.
Corpo castigado pela ação cruenta
Da vida que êle atesta ser um mito.

Ao contemplá-lo no seu sono eterno,
Penso comigo: "Que mistério é êste
Que nos envolve neste mundo externo?"

Se existe fé, compreensão, serenidade...
Tudo se encontra neste corpo inerte
Que é um resumo de tôda humanidade.

HISTÓRIA DO VEM DEPOIS

Poesia veio do mar,
Tomou vermute e cachaça,
Ficou com dor de barriga,
Teve diarréia três dias.

Comprou casa de madeira,
Lá por perto de Canoas;
Adquiriu as verminoses;
Faleceu de TBC.

Agora, já que todos conhecem esta triste história, vou falar de um homem que engoliu idéias novas em uma solução de álcool a 12%, tornou se revolucionário por diletantismo e deixou de dormir com prostitutas. Mas nem por isso curou-se de sua gastrite crônica, e quando bem velhinho, fês hipertrofia da próstata. Assim sendo...

José Carlos Carpilovsky

.COLEGA:

COLABORA COM O CASL

DEBATENDO TUA OPINIÃO NA ASSEMBLÉIA

DOS REPRESENTANTES.

PESADELO

TIAGO LOUZADA

Lembro agora alegremente,
O sonho que tive em mente,
Um pesadelo ou coisa assim;
Dizias tôda garbosa,
Alegre e prazerosa:
Tiago, êste é o fim!

Rias a mais não poder,
De mim, triste e ajoelhado,
Implorando ser amado,
Para de amor não morrer!

Fôste! sòzinho fugi;
E ébrio de amor me perdi,
Pelas trevas da loucura;
Vaguei pelo escuro; meu Deus!
Onde estão os olhos meus,
Porque não vejo, oh Candura?

Segui, então, cambaleando,
Ouvindo risos de morte,
Predizendo a minha sorte;
Eram demônios cantando!
"Tu cometeste um pecado:
Amaste sem se ramado",
Foi a frase que gritaram;
E em seguida um baque forte,
Um encontro com a morte,
E os demônios me levaram...

O que tens de bom aí

F. A. Sassen

Esta é uma das frases mais usadas em nosso falar diário. Se um amigo está lendo jornal perguntamos sôbre os artigos e dizemos: o que tens de bom aí? Se vamos na confeitaria conforme o grau de intimidade que posuimos com o balconista podemos pergutar: o que tens de bom aí? Ou mesmo na casa de um amigo durante a conversa alguém lembra-se de inquirir em meio aos gracejos: afinal, o que tens de bom para nos oferecer? Até aí não me atreveria a fazer qualquer comentário. Tudo muito certo. Tudo muito natural. Afinal quem não gosta de receber uma coisa boa? Creio que todo o mundo. Mas eu desafio a qualquer colega a mostrar-me alguém que tenha prazer em ser êle próprio esta coisa boa. Ou, aproximando-se mais do caso presente, de que a sua desgraça e a sua infelicidade sirvam de "coisa boa" para outros. Será muito difícil que alguém doente, pobre e desprezado sinta prazer em ser jogado de mão em mão como "coisa boa" e delícia para divertimento de terceiros. Mas da mesma maneira será muito fácil achar um colega, trabalhando em enfermarias da Santa Casa que não tenha passado por esta situação: está examinando um doente dos seus leitos. Entra um colega e grita-lhe da porta: o que tens de bom aí? E êle si fôr pessoa calada, indicará com um movimento de cabeça a direção de algum leito próximo. Si fôr dêstes tipos expansivos, ou de menos sensibilidade, por certo abandonará o doente que estava examinando e acompanhará o colega até o leito considerado "coisa boa". Então o doente, que também ouviu a pergunta, será que a sua cirrose ou sua insuficiência aórtica são oferecidos e examinados tal como si fossem mercadoria de venda. E' uma coisa revoltante. E' uma coisa vergonhosa para qualquer pessoa assistir um quadro dêstes. E muito mais vergonhoso é para nós, hoje estudantes e amanhã representantes da medicina na sociedade, vivermos cenas assim. Esta medicina cuja história e cujas lendas sempre a conservaram como uma das profisões onde a solidariedade humana e a abnegação são elementos preponderantes, sente-se profundamente traída com tais atitudes. Que um caso de sinais semiológicos bem caracterizados seja visto por mais de um estudante é admissível, pois estamos aqui para aprender. Mas meus colegas: vamos aprender sem ferir a dignidade do próximo. Vamos aprender medicina sem dizer a frente de um paciente, completamente entregue a nossas mãos pelas circunstâncias da vida, "que sôpro maravilhoso"! Vamos pensar. Se algum de nós estivesse gravemente enfêrmo, sem recursos, abandonado à caridade pública. E em vez de nos ser dado ânimo e confôrto moral, nós que não temos nada para dar, ainda fôssemos obrigados a divertir a outros com nossos sofrimentos. **Vamos aprender medicina fazendo medicina desde já.** Vamos aprender medicina palpando, escutando e examinando. Mas com seriedade. Pensando sempre que não estamos diante de um ser inanimado. Lembrando-nos que quem está servindo de fonte de conhecimentos para nosso renome futuro, também tem olhos e ouvidos. Também sente como nós. Também é humano como nós. Também tem o direito de ser tratado como nós desejaríamos ser tratados.

ÚLTIMA HORA

RESULTADO DAS ELEIÇÕES DO C.A.S.L.

JOAQUIM D. KLIEMANN — 240 VOTOS

FLORIANO TORRES — 157 VOTOS

Citações

Para aquêles que gostam de citações e para aquêles que as colecionam vão aqui algumas célebres sôbre aquêle que é o assunto coqueluche de tôdas as épocas: o Amor.

O amor, que não passa de um episódio na vida do homem, é tudo na vida da mulher.

Mme de Stäel

Não sou daqueles que não acreditam no amor à primeira vista; mas acho sempre bom lançar um segundo olhar.

H. Vicent

Dizem que o amor é cego. mas nunca acreditei nisso. Conheço homens que vêem em suas namoradas ou espôsas o dôbro do que os outros vêem.

J. Billings

Em matéria de amor e de testamento o que vale é o último que anula o precedente.

Pitigrilli

O amor perfeito só em flor é que se vê.

Júlio Diniz

Homens e mulheres num lugar apertado são como palha ao pé do fogo.

Rétif de la Bretonne

Quem casa por amor tem boas noites e maus dias.

Provérbio turco

O amor e a sarna não podem se ocultar.

Provérbio hindu

A melhor de tôdas as modas, é a que menos veste a mulher.

A. Houssaye

Deve-se escolher para espôsa, a mulher que se escolheria para amigo se fôsse homem.

P. J. Proudhon

Na França, os maridos quase nunca falam do e criticado. Como vêem, não é simples falar delas diante de pessoas que as conhecem melhor do que êles.

Montesquieu

A mulher que ama, quando dá o retrato, promete o original.

Adrien Dupuy

A mulher que engana o marido é como caroço de manga que cai da mão: caiu, não se junta mais, porque fica sempre com gôsto de terra.

Humberto de Campos

Se as mulheres soubessem o que se pode obter de um homem durante a meia hora que precede o encontro!

Luiz XV

Relatório do Congresso da UNE

Durante o mês de julho tivemos a honra de representar o C.A.S.L. no XXI Congresso da U.N.E. Desde logo sentimos a magna importância dêste Congresso, pois dêle dependia, entre outras decisões importantes, a nova diretoria da U.N.E. Infelizmente, temos de consignar, desde já, que as eleições foram os únicos frutos do Congresso. Assim portanto confessamos que a famosa equação: Congresso da U.N.E. — eleições, é certa, pelo menos desta feita. Ao notarmos a confusão geral do Congresso, o fracasso da sua organização, a ausência de sessões plenárias, preocupamo-nos, quase exclusivamente, com a sucessão. Trabalhamos tendo em vista as seguintes normas:

Considerarmos a UNE o órgão representativo de todos os estudantes;

A sua missão estende-se bastante além de um simples órgão administrativo estudantil;

A UNE no Brasil é inseparável da cúpula intelectual da nação;

A fração pensante do país é pequena, falta-nos homens de nível universitário, por êste fato os estudantes universitários, lògicamente, tomam parte (devem necessàriamente tomar) na vida intelectual do país, são ligados intimamente às idéais geradas pelos dirigentes da Nação, possuem voz ativa nos acontecimentos do país.

Afirmamos não ser posível comparar a vida estudantil do Brasil com certos países da Europa ou com os Estados Unidos e querer restringir, por analogia, a ação do estudante apenas a si mesmo, tolher as suas atividades extra-estudantis ou a reduzir a sua esfera de influência é absurdo.

Sem dúvida alguma a UNE está entre os primeiros poderes da nação, o próprio Presidente da República chamou-a de o 5.º poder do país.

Entre muitas outras razões, a situação mundial, as próprias eleições internas acrescem a importância e a delicada posição da gestão 58/59 da UNE.

Portanto tinhamos que escolher uma diretoria:

a. Que tivesse grande experiência na política estudantil;
b. Que tivesse qualidades administrativas;
c. Que tivesse uma orientação segura que norteasse os trabalhos da gestão para resultados objetivos e benfazejos ao estudante, ao povo e enfim, a Nação Brasileira.

Após termos estabelecidos os contatos necessários, notamos que os representantes do XXI Congresso Nacional da UNE estavam divididos em duas facções. Uma que se dizia oposição da UNE, e outra a favor. Êste citado de "situação e oposição", precisamos conceituar melhor. Não se tratava de ser a favor ou contra da gestão de 58/59, ou à pessoa dos dirigentes da UNE, mas sim a favor das diretrizes políticas que a UNE vinha tomando há dois anos.

A divisão do Congresso podemos expressar através da seguinte tabela:

	Situação UNE	Oposição UNE
Amazonas	Oposição - minoria insignificante	Situação da UEE
Pará	—	Situação da UEE - totalidade
Maranhão	Situação da UEE	Oposição - minoria
Piauí	Situação da UEE	Oposição - minoria
Ceará *	—	Situação - totalidade
Rio Grande do Norte	Situação da UEE	Oposição - minoria insignificante
Paraíba	Situação da UEE	Oposição - minoria insignificante
Pernambuco	Oposição - maioria	Situação da UEE
Alagoas	—	Situação da UEE, C. f.
Sergipe	Situação da UEE	Oposição - minoria insignificante
Bahia	Situação da UEE	Oposição - considerável
Espírito Santo	—	Situação da UEE, C. f.
Rio de Janeiro	Oposição - maioria	Situação da UEE
Minas Gerais	Oposição - considerável	Situação da UEE
Goiás	Situação da UEE	Oposição - minoria
São Paulo	Oposição - equilibrada	Situação da UEE
Paraná	Oposição - considerável	Situação da UEE
Santa Catarina	Situação da UEE	Oposição - minoria insignificante
Rio Grande do Sul	Situação da UEE, C. f.	

* Após eleições a bancada Cearense manifestou grande simpatia pela chapa eleita. N. B. Mato Grosso não compareceu ao Congresso.

As chapas que se formaram assim constituidas:

Consciência Universitária Nacionalista

Pres.: Raimundo Eirado (Ba)
1.º Vice: José Pertence (Mg)
2.º Vice: Irevaldi Rocha (Pa)
3.º Vice: Rudi Bauer (SC)
4.º Vice: Pedro Carvalho (Se)
Sec. Geral: Dalton Cunha (Pb)
1.º Secret.: José Furtado (RN)
2.º Secret.: Fernando Mendonça (Pe)
3.º Secret.: João Neder (Go)
Tesour.: Otávio Lira (Ma)

Universidade e Nacionalismo

Pres.: Tabajara Silva (SP)
1.º Vice: João Vasconcellos (Ce)
2.º Vice: José Richa (Pr)
3.º Vice: Carlos Dutra (Pe)
4.º Vice: Jovino Leal (ES)
Secret. Geral: Clovis Morais (Mg)
1.º Secret.: Olinto Meireles (Go)
2.º Secret.: Guilherme Vasconcellos (SP)
3.º Secret.: Humberto Coelho (Pe)
Tesour.: Antenor Rocha (Al)

Votamos na chapa: Consciência Universitária Nacionalista e ainda mais, procuramos induzir todo o Rio Grande do Sul para que votasse na mesma, objetivo em que fomos bastante felizes.

Cabe aqui consignar que a Bancada do Rio Grande do Sul foi a única que votou em sua totalidade para a mesma chapa. Podemos afirmar que o Rio Grande do Sul foi considerada a bancada mais organizada do Congresso e creio mesmo que foi a bancada que liderou o XXI Congresso Nacional da UNS.

As razões que nos levaram a votar nesta chapa foram as seguintes:

1.º — Cremos que é composta de elementos mais capazes administrativamente;

2.º — Cremos que é composta por pessoas mais firmes ideologicameente, mais retas quanto ao caracter e mais decididas.

(Saliento' que três elementos da chapa oposta: o presidente, e os 1.º e 2.º Vice-Presidentes eram apontados como elementos constituintes da nossa, e passaram para a oposição poucos momentos antes das eleições, numa atitude de correção muito discutível).

3.º —Cremos que a ideologia que possuem os atuais dirigentes da UNE imprimirá uma orientação que aumentará o prestígio do estudante brasileiro e contribuirá de um modo muito eficaz para o cumprimento dos altos desígnios de nossa pátria.

Finalmente aconselhamos aos futuros dirigentes do C.A.S.L. a entrar em contato com a UNE, a fim de verificar a atuação da sua diretoria.

Achamos também de todo conveniente o contato frequente com a UEERGS, para que êsse órgão dê cobertura crítica e administrativa dentro de suas possibilidades, lembrando aos seus dirigentes que o Rio Grande do Sul tem o direito, maior que qualquer outro estado, de criticar e solicitar contas da diretoria da UNE, assim como o dever de auxiliá-la no que fôr possível e necessário.

Biblioteca FAMED/HCPA

TRABALHO E ABNEGAÇÃO: EIS "O BISTURI"

O trabalho que exige a confecção de um jornal — Eis o caminho dos artigos recebidos: redação, oficina, linotipia, revisão, paginação e impressão — E mque consiste cada uma destas fases —— O Revisor não tem muita culpa nos êrros impressos ——

Texto de IRAJÁ SILVEIRA

Êsse artigo poderia ter muitos títulos. Eis um: "Como a crônica maravilhosa, a entrevista sensacional ou a mensagem poética de alguma alma etc. transforma-se em papel de embrulho". Tentarei explicar a razão de ser dêste título estranho e pessimista e que poderia ser também: "Como é feito "O BISTURI".

Sim, êste pequeno jornal (que muitos chamam de "pasquim", embora nunca difamamos quem quer que seja) requer para ser feito trabalho, sacrifício e abnegação de seus encarregados.

Poucos sabem que um jornal é trabalho de equipe, e que da homogeneidade e experiência desta equipe depende o sucesso do jornal.

Mas vejamos as etapas e operações porque passa "O BISTURI", dêsde nossas mãos até as vossas, prezados leitores.

Inicialmente encontramos a maior barreira para a confecção do jornal, a qual vencida representa meio caminho andado: colaboração. Esta barreira exige para ser transporta calma, paciência, submissão, etc. E' um obstáculo que requer para ser vencido uma luta quase que diária: "Fulano, nos escreva alguma coisa". "E a poesia aquela, vamos publicar". "Entrevista o prof. Fulano" e assim por diante. E' uma operação prolongada e a vitória nem sempre é total. Transporta esta primeira barreira, inicia-se, então, a feitura do jornal. Os artigos recebidos são lidos, relidos e às vêzes, corrigidos. Enquanto uns trabalham neste setor, outros saem à rua em busca de publicidade, a fim de diminuir a despesa do jornal. Depois de tudo pronto é feita a diagramação, ou melhor o "espêlho" do jornal e também a marcação da matéria. E' uma operação que requer uma prática de muitos anos e dela dependerá a apresentação do jornal. Em seguida os originais são enviados à oficina encarregada da composição e impressão. Lá, nas linotipos (espécie de máquina de escrever, com muitas teclas) os artigos transformam-se em barras de chumbo. Do trabalho do linotipista é tirada uma prova, que é revisada para que o trabalho executado corresponda ao original. E aqui, abro um parêntesis para defender os revisores de todos os jornais do Brasil. Em alguns erros, êles têm culpa, noutros (a maioria) não. Eis o que acontece: um êrro numa linha exige para ser corrigido, que tôda a linha seja feita novamente nas linotipos, podendo ocorrer, o que não é difícil, um êrro noutra palavra. Feito isto tudo, os blocos de chumbo em que foram transformados os artigos são colocados nas páginas de uma maneira que corresponda ao "espêlho" já determinado. Geralmente (principalmente em "focas" (jornalistas novatos) falta matéria para completar a página ou então, o que é mais comum, as páginas "estouram".

A operação seguinte é a impressão, e eis o jornal pronto para ser lido, comentado e criticado. Como vêem, não simples fazer um jornal por mais simples que êle seja. Meditem pois, antes de criticar destrutivamente o trabalho de uma equipe, que faz jornal por gôsto e obrigação e não por profissão.

Código de ética do Estudante de Medicina

O Bisturi
ÓRGÃO OFICIAL DO CASL

Art. 1.º — O estudo da Medicina tem por fim aprender a cuidar da saúde do homem, sem preocupações de ordem religiosa, racial, política ou social, e colaborar para a prevenção da doença, e aperfeiçoamento da espécie, a melhoria dos padrões de saúde e de vida da coletividade.

Art. 2.º — O estudante de Medicina se obriga a exercer com tôda probidade os trabalhos e provas escolares, a zelar pelo patrimônio moral e material da Faculdade a que pertence e a submeter os seus interêsses individuais aos da coletividade.

Art. 4.º — O estudante de Medicina tem o dever de exercer tão nobre atividade com a exata compreensão de sua responsabilidade, podendo receber remuneração pelo seu trabalho para a sua subsistência.

Art. 4.º — O trabalho do estudante de Medicina beneficia exclusivamente a quem o recebe e não deve ser explorado por terceiros, seja em sentido comercial, político ou filantrópico.

Art. 5.º — São deveres fundamentais ao estudante de Medicina:

a) guardar absoluto respeito pela vida humana, jamais usando seus conhecimentos técnicos ou científicos para o sofrimento ou extermínio do homem, nem podendo seja qual for a circunstância, praticar algo que afete a saúde ou a resistência física ou mental de um ser humano.

b) exercer seu mister com dignidade e consciência, observando as normas de boa ética e da legislação vigente e pautando seus atos pelos mais rígidos princípios morais, de modo a se fazer estimado e respeitado.

c) procurar aprimorar e desenvolver seus conhecimentos técnicos, científicos e culturais, e colaborar para o progresso da Medicina.

d) apoiar as iniciativas e movimentos de defesa dos interêsses morais e materiais da classe, através de seus órgãos representativos.

e) abster-se escrupulosamente de atos que impliquem na mercantilidade da Medicina e combatê-los quando praticados por outrem.

Art. 6.º — O estudante de Medicina deve ter para com seus colegas a consideração, o aprêço e a solidariedade que refletem a harmonia da classe e lhe aumentem o conceito público.

Art. 7.º — O espírito de solidariedade não pode, entretanto, induzir, o estudante de Medicina a ser conivente com o êrro, ou a deixar de combater os atos que infringem os postulados éticos ou as disposições legais que regem o exercício do seu mister.

Art. 8.º — Não deve o estudante de medicina aceitar cargos remunerados ou não deixado por colega que tenha sido exonerado sem justa causa ou haja pedido demissão para preservar a dignidade ou os interêsses da classe.

Art. 9.º — Constitui prática atentatória à moral da classe, procurar um estudante de medicina conseguir para si emprêgo que esteja sendo sido exercido por um colega.

Art. 10.º — O estudante de medicina está obrigado pela ética e pela lei a guardar segredo sôbre fatos de que tenha conhecimento por ter visto, ouvido ou deduzido no exercício de sua atividade médica.

Art. 11.º — Deve o estudante de medicina assumir sempre responsabilidade dos próprios atos, constituindo prática desonesta atribuir indevidamente seus malogros a terceiros ou a circunstâncias ocasionais.

Art. 12.º — Compete aos Diretórios de Medicina de tôdas as Faculdades Médicas do Brasil a apuração de faltas cometidas contra êste Código e a aplicação de penalidade aos transgressores, com recurso volutário para a União Nacional dos Estudantes de Medicina.

Art. 13.º — Deve o estudante de medicina dar conhecimento a seu órgão de classe, com a devida discreção e fundamento, dos fatos que constituem infração às normas deste Código.

Art. 14.º — Nas dúvidas a respeito da observação e da aplicação dêste Código, ou nos casos omissos, deve o estudante de medicina consultar o respectivo órgão de classe.